Director e administrador — V. GUIMARÃES

Editor-proprietario — ADOLPHO DE MENDONÇA

TYPOGRAPHIA
46 - RUA DO CORPO SANTO - 48

Bibliotheca Magazine Popular Illustrada

Director e administrador
V. GUIMARÃES

Editor-proprietario
ADOLPHO DE MENDONÇA

Composto e impresso na typographia Rua do Corpo Santo, 46 e 48

COSMOS

VOLUME I

1907

TYPOGRAPHIA ADOLPHO DE MENDONÇA

46, RUA DO CORPO SANTO, 48

LISBOA

A ESTRELLA D'ALVA

(CONTO MARITIMO DO SECULO XVI)

> N'isto andava tudo, que se não poderiam pôr os olhos em parte onde se não vissem rostos cobertos de tristes lagrimas, e de uma amarelidão, e trespassamento de manifesta dôr, e sobejo receio que a chegada da morte causava, ouvindo-se tambem de quando em vez algumas palavras lastimosas, signal certo da lembrança, que ainda n'aquelle derradeiro ponto não fallava dos orphãos e pequenos filhos, das amadas e pobres mulheres, dos velhos e saudosos paes que cá deixavam, etc.
>
> *Hist. tragico-maritima*, t. I, pag. 55.

O sol esmaltava as côres limpidas do horisonte com uns cambiantes de purpura e de azul, cujo çariz incompleto e vago reflecte a melancolia suave em que a alma se concentra n'essa hora fugitiva da tarde. O horisonte fechava-se lentamente, como o véo de um templo que se cerra. As virações travéssas da noite volitavam encrespando a face trémula das aguas, que lhes respondiam ás caricias inquietas, confidenciando com um murmurio sonoroso e confuso. O galeão soberbo da India singrava ufano, buscando em prôa a terra querida da patria; le-

vado nas azas das monções propicias, a vela branca desfraldada aos ventos, tinha o garbo da garça altaneira que se libra vaidosa por sobre as ondas, que ella vae roçando de leve. A flamula ondulante, hasteada no tope do mastro de mezena, serpeava nos áres como em adeus silencioso ás ribas odoriferas do Oriente, a despedida ao paiz dos sonhos e das maravilhas. A natureza como que se absorvera nos encantos d'esta hora; havia um segredo intimo em cada toada perdida d'este concerto do declinar do dia.

Longo tempo um mancebo encostado á amurada do navio, com os olhos fitos na corrente das vagas, permanecêra absorto n'um scismar incessante, como quem atava na mente as apparencias de um sonho mentido, como quem procurava alentar a ultima esperança que prende á vida, e que é como a hera das ruinas. Conhecia-se-lhe na respiração comprimida no peito, que offegava de cansaço, o esforço acintoso com que procurava afastar da lembrança um sentimento funesto.

A palidez retincta nas faces cavadas pelas insomnias longas e afflictivas, era a expressão dos pensamentos tenebrosos, confusos, incoherentes, que vinham povoar-lhe a anciedade das vigilias. Quem o visse sentiria uma dôr egual áquella, uma vontade irresistivel de entornar-lhe em sua alma o balsamo das consolações, com a prodigalidade do affecto com que a moça desenvolta de Magdala vinha derramar aos pés do divino Mestre os perfumes inebriantes da sua urna de alabastro.

Quem o visse na mudez expressiva d'aquelle desalento, no desamparo e soledade de todas as alegrias da vida, sentia-se levado para elle, como por um condão fascinador, que ás vezes possuem certos olhares que ninguem póde fitar e de que se tem medo. A brisa fresca da noite, que soprava do poente, como trazendo-lhe o presagio do ocaso de suas esperanças, vinha volatilisar a lagrima timida e ingenua que tremeluzia viva na pupilla scintilante.

A este tempo appareceu sobre o convés do galeão alteroso um outro vulto, todo armado contra a rajada asperrima da noite, que se ia cerrando:

— Ainda aqui, Fernão Xemines? embebido nesse longo scismar em que o passado se te affigura doloroso e feio? Para que foges de teu irmão? Bem vês que eu procuro distrair-te d'essa agonia lenta que te vae minando a essencia debil da vida, d'esse espasmo da atonia que produz em ti a mudez do sepulchro. O que tens tu em uma vida de creança, innocente, sempre desprevenida, para que o occultes a teu irmão, ao amigo que soffre com o teu soffrimento, e que exulta com as tuas alegrias? Uma ave, quando é levada para um paiz distante, longe do ninho que lhe ouviu balbuciar os primeiros trillos de amor, quando lhe falta a bafagem tepida das auras em que se espanejava contente, desfallece á mingua, prisioneira, ralada pela saudade pungitiva que lhe amofina o sêr. Tu, pelo contrario,

á medida que os aromas quasi imperceptiveis da terra abençoada da patria nos vêm dar força para affrontar as tormentas escuras, as cerrações e os cabos perigosos, perdes o animo ante uma dôr imaginaria, e deixas-te apossar de uma ancia, que um instante só de reflexão tranquilisaria. Vamos, serena o teu espirito; seja-te o meu coração o porto almejado onde encontres abrigo. Que receias pois? temes encontral-a na volta desposada, nos braços de outro? Conta-me a verdade toda; amas?

— Se com vinte annos apenas haverá quem não tenha sentido ainda esse desvario divino, que acorda de subito em nós todas as potencias da alma, que rasga brilhante a manhã de um eden terreal, dando realidade á vida, e que a um tempo vibra o estertor e o cicio horrivel dos que se confrangem no barathro do desespero que elle gera! Eu amo, sim. É um amor que tem purpureado de risos todas as horas que me absorvo a pensar n'ella. Para mim é o resumo de todas as bellezas do mundo. Onde a vista depára uma apparição grandiosa, deslumbrante, ahi sinto uma reminiscencia d'ella; ás vezes procuro em vão formar na mente o composto do semblante engraçado, quero tel-a presente pela imaginação á minha idolatria; mas a phantasia não póde reunir em uma mesma auréola de encantos tudo quanto ha de mais puro no céo e na terra. Eu estou doido. É o frenesim d'este amor que me enlouquece. Eu não a vejo, nem sei mesmo já se existe, mas sinto-a como a essencia de um licor suavissimo e

volatil, que inebria a distancia os sentidos. Ella flutua-me pairando ante a vista, como um nevoeiro da madrugada que se esvaece nos áres ao romper da claridade, e de que o sol faz realçar a alvura esplendente. Ella nunca me disse que me amava. Quando só em pensamentos a escuto, a dizer-me segredos intraduziveis, parece-me a bayadera indiana requebrando-se flascida, com uma morbidez encantadora, a voltear brandamente ás vibrações remotas das gandharvas, instrumentistas do paraizo. Eu vôo na mesma ondulação de harmonia, e sonho um goso indefinivel, que me exacerba mais as angustias cruciantes, quando desperto á realidade. Eu não sei mesmo se me ama. Costumado a brincar desde criança, unindo as nossas orações infantis em noites de tormenta, quando seu pae andava sobre as aguas, esta confiança torna impossivel o mysterio, que alimenta todo o amor.

—«Aldonça! repetiu desapercebidamente Gaspar Ximenes; — a mesma, a que me torna aguerrido, audaz para affrontar estas regiões nos términos do mundo; a que jurou um dia ser minha e me prometteu a mão de esposa, que eu beijei e apertei tremulo, convulsivo!

— Fernão Ximenes comprehendeu estas palavras Foram como um clarão subito, que lampeja e cega. Os ôlhos arrasaram-se-lhe de agua, sem as lagrimas poderem rebentar. Era incrivel o que se passava em sua alma. A colera, a alegria, a contrariedade das aspirações mais ardentes da vida,

o desinteresse sublime de um coração generoso debatendo-se tudo n'aquella alma deserta de esperança! Gaspar Ximenes continuou, como delirando:

— Amas tambem Aldonça? Como ella é meiga e docil! É a rola innocente do sacrificio. Ella ha de querer a tua felicidade. O que eu disse era uma loucura. Amo-a como irmã apenas; ama-a tambem, mais do que eu, e será tua.

Ao ouvir estas palavras, proferidas com uma accentuação dolorosa, por uma abnegação quasi impossivel, Fernão Ximenes não poude represar mais tempo as lagrimas, que lhe rebentavam ferventes dos olhos. Os soluços entercortaram-lhe a voz. Elle jurára dar-lhe tambem um dia a maior prova de dedicação.

A este tempo, ouviu-se um berro do gageiro gritando da gávea:

— Mestre Fernão Mendonça, um negrume espesso se alcança no horisonte, que levamos, pois que a não ser a cerração do cabo, mais me parece presagio de tormenta.

O mar começava já a cavar-se. O piloto mandou logo ferrar o traquete, cassar a escota á bujarrona, e que o homem de quarto amurasse mais para sotavento, antes que a borrasca rebentasse de chofre. Instantes depois a marinhagem tripulava afanosa sobre o convés; a noite estendera pela amplidão dos mares o seu manto gélido de sombras, como um sudario de morte. O vento frigid sibilava na enxarcia; parecia uma serpen-

te escamosa quando assovia na floresta intrincavel. A orchestra da procella rompia sonorosa e esplendida, como a retrata Virgilio n'um incomparavel hemistichio.

— Por San-Thiago, disse Fernão Ximenez, saindo da mudez do espanto em que o deixára a longanimidade do irmão; — adivinhava-o o diabo do gageiro, pois já as ondas guidam os castellos de prôa, e lambem a ponta do gurupés. Diabo! que se tivesse mando no timão amurava mais para sota-vento, e talvez que escapassemos á furia da tormenta.

Continuava o ennovellar das vagas como grandes cordilheiras sacudidas por um vulcão subterreo. Instantes depois, o moço descia para o porão, e as marés gigantes em vagalhões, salvavam o baixel. Soltos, desencontrados dos quatro pontos, os ventos cáem de estouro sobre o galeão.

— Que San-Thiago, o bom apostolo das Hespanhas, seja comnosco, murmurou o homem do leme, ao apagar-lhe uma maré a luzinha da bitácula. Que o bom Jesus dos mareantes nos ampare n'esta tribulação, Ave Maria!

A tempestade recrudescia surda á voz do pobre homem de quarto, que não sabia já o rumo que levava Pouco depois, as ondas envolveram-n'o no seu marulho, e o sorveram no pelago insondavel.

Sem governo, o galeão altivo, cruzando-se sobre duas ondas que rebentaram sobre elle, estremeceu como aluido pelo cavername e costado; o

mastro grande, gemendo sobre si, estalou, e sumiu-se na corrente das aguas. Por instantes ninguem respirou. Só o capitão Fernão de Mendonça, conhecendo que o temporal amainara, gritou com intrepidez:

— Salta arriba!

A tempestade amançara consideravelmente; viase espelhado em todos os semblantes um sorriso de esperança, illuminado ao clarão diaphano do santelmo, que reluzia no tope dos mastros.

— Salvé! salvé, oh Corpo Santo! — gritaram todos possuidos de um regosijo expansivo.

— Podemos agora contar com a bonança —, disse a voz animadora do padre capellão, — que o sacro fogo de Santelmo se nos mostra risonho e mensageiro de paz. Oxalá que sem mais desgraças possamos dizer como o malaventurado soldado das Indias, o bom Luiz de Camões:

> Vi nos ceus claramente o lume vivo,
> Que a maritima gente tem por santo,
> Em tempo de tormenta e vento esquivo,
> De tempestade escura e triste pranto.

— Mestre Fernão de Mendonça! — interrompeu o gageiro, — o galeão tem um enorme rombo na prôa, e d'aqui a meia hora estaremos todos no fundo, se vos não apraz lançar esta lancha ao mar. — E foi-se contarolando aquellas trovas do *Auto da barca do Inferno*, do popular Gil Vicente:

> A' barca, á barca, boa gente,
> Que queremos dar a vela;
> Chegar a ella, chegar a ella.

O tom frio com que dissera a ruim nova fazia julgal-o filho da rajada, como se cria nas incarnações da mythologia grega. Ouvida a falla do capitão, foram saltando todos para o batel. Pouco depois a náo soberba da India começara a afundar-se. Ao vêl-a sumir-se, o padre capellão lançou-lhe a benção, e proferiu uns versiculos da oração dos mortos. A mudez tornava mais sublimes estes instantes. Era como na morte de um heroe, que baqueia ferido no auge da luta. As lagrimas borbotavam dos olhos dos velhos mareantes ao perderem para sempre aquelle companheiro das refregas O batel não podia com a tripulação toda; o mar estava banzeiro e a cada momento entrava-lhe pela borda.

Assim foram andando á mercê das correntes, sem que transluzisse no horisonte escuro um clarão de esperança. O ranger dos remos fazia lembrar de hora em hora o estertor de uma vehemente agonia. O mar e a fome infundiam n'alma o tedio da vida.

O mar continuava roleiro. A este tempo uma onda encapellada rebentou quasi de choque sobre o batel. Era preciso alijar para alivial-o. O capitão deitou sortes, para vêr os que iriam ao mar. Caiu a sorte sobre o intrepido gageiro. Pero Gutterrez, um velho marinheiro, atirou-se de livre vontade. Fernão Ximenes parecia de tal modo embebido na dor funda que alentava n'alma, que não sabia o que se passava em volta de si. A sorte fatidica caira tambem sobre o irmão. Despertou da

abstracção dolorosa, ao abraço fraterno extremo. Repentinamente comprehendeu tudo com a lucidez de que o espirito se apossa nos momentos solemnes da vida. Deteve-o um instante:

— Uma vez sacrificaste ao meu amor todas as tuas esperanças! E' bem que o reconheça; agora estimo a vida só para dal-a por ti. — E desprendeu-se dos braços do irmão, com a resolução do desespero, e arrojou-se á voragem.

Gaspar Ximenez permaneceu attonito, interdito ante o estranho heroismo. O sol ia já alto, o céo tornava-se limpido e sereno, o horisonte abria-se immenso, como a expansão de um pensamento de alegria. Depois de haverem remado bastante ainda, descobriram-n'o a distancia seguindo extenuado o batel. A energia sublime do seu heroismo e dedicação commovera todos os corações. Quizeram unanimes recebel-o, estava já sem forças, quasi immovel. O amor fraternal resplandecera com espanto. Os membros regelados começaram de novo a sentir vida com a reacção do calor.

O mar ia amansando progressivamente, e antes do cair da noite viram com pasmo e alegria doida alvejar uma vela. Saudaram-na com a celeuma do regosijo. Quando passados dias chegaram a beijar a terra de seus paes, Fernão Ximenes foi professar, cumprir o voto n'um mosteiro, para não tornar o amor do irmão impossivel.

THEOP. BRAGA

A um amigo que me pediu versos

Não peças mais versos, não!
Não faças com que eu me zangue;
A teta da inspiração
Ordenho-a... e já bota sangue.

Deixa-me estar socegado;
Eu a lucta abandonei-a;
Tive baixa de soldado,
E vim viver para a aldeia.

Levo a existencia pacata
Dos grandes bonacheirões;
E arrumei a um canto a lata
Com que eu fabrico os trovões.

Pedes-me estrofes purpureas!
Que coisas me pedes tu!
Guardei na gaveta as furias,
E os raios no meu bahu.

Falo aos burguezes das tendas,
Cumprimento a visinhança,
E arranjo ás vezes merendas
Nos bosques, com Sancho Pança.

Meninas sérias, esguias,
Dizem-me já com amor:
Doutor, como vae? bons dias!
Tem feito versos, Doutor? —

Entrando eu não sei onde
Disse um banqueiro opulento:
— «Li nos jornaes, senhor conde,
Que este rapaz tem talento.» —

E um discreto conselheiro
Murmurou do seu logar:
«Quem é? — E' o Guerra Junqueiro. —
«Ah! sim... já ouvi falar. —

GUERRA JUNQUEIRO.
(A Musa em Ferias)

Penas

Se eu soubesse que vòando
alcançava o que desejo,
mandava fazer as azas,
que as penas são de sobejo.
Cant. popul.

Como differem das minhas
as pennas das avesinhas,
que de leves leva o ar!
As minhas pesam-me tanto,
que ás vezes já nem o pranto
lhes allivia o pesar.

O passarinho tem pennas,
que em lindas tardes amenas
o levam por esses montes,
de collinas em collinas
ou nas extensas campinas
a descobrir horizontes.

Com ellas vive folgando;
tem penas apenas quando
alguma penna lhe cae;
mas a essa pena affaz-se,
entretanto a outra nasce
e tudo esquece e... lá vae

E as minhas penas não caem
nem voam nunca, nem saem
commigo d'esta amargura!
Mostram-me apenas na vida
a estrada, já conhecida,
trilhada dos sem ventura.

Passam dias passam mezes
passa o anno muitas vezes
sem que uma pena se vá!...
E, se uma vae mais pequena,
ao depois nem vale a pena
porque mais penas me dà.

São bem felizes as aves!
como são leves, suaves
as pennas, que Deus lhe deu!
Só as minhas pesam tanto!...
Ai! se tu soubesses quanto!...
Sabe-o Deus e sei-o eu.

Fenando Caldeira
(Mocidades)

Forasteiro em Lisboa

No Rocio o Prior de Santa Iria
Vendo um palacio disse ao Canongia:
«Que será isto aqui?
Dona Maria...
Onde se representam as tragedias,

Vae correndo a cidade, e sempre attento
Pergunta n'outro sitio:
«Isto é convento?
Não! isto é o theatro de San Bento,
Onde se representam as comedias.

João de Deus.
(Campo das Flores)

Do drama D. Affonso VI

SCENA IV

(El-Rei e a Rainha)

Rainha

Que disse o Conde? Vinha em busca da alegria
Que, ha muito, me fugiu. Que disse o Conde? Alguma
Razão que vos afaste, alguma queixa em summa.
Vivo tão triste e só!

El-Rei, (admirado)

Tão triste e só?

Rainha

Quizera
Ter-vos ao pé de mim... Perdão!... Fui tão sincera
Que sinto a confissão ruborisar-me a face.

El-Rei, (galanteando)

Que prazer se no sonho a vida me faltasse!
Mandae-me como o negro, e de servir-vos paga
Servir-vos é bastante. Emquanto á dor que apaga
Em vosso labio o riso, eu, juro, a domarei
Junto a vós como escravo e aos outros como rei.

Rainha

E' triste a nossa côrte. Os homens, uns tyrannos,
Vestem de negro como hereges puritanos
E mettem medo á gente; as damas que me destes
São-me d'este sepulchro os lugubres ciprestes:

Peço um carinho, um riso, uma palavra apenas,
Mas é tudo peccado o que não for novenas!
A's vezes, na varanda, ás horas do sol posto,
Saudosa, peço á noite um balsamo ao desgosto...
Ironia cruel! Como remedio á dor
Tenho apenas o vento a uivar no corredor;
E, como é longa a noite e a treva me enregela,
Busco a luz da manhã nas fisgas da janella.
De dia quero a noite, irmã d'esta agonia,
E passo a noite immensa a desejar o dia!

D. João da Camara.

E. Brazão no Affonso VI — 4.º acto

SPORT

É tão vasto o campo, tão variados os generos, tão multiplices os attractivos e encantos que se encerram n'esse conjuncto d'arte e de força, de vida emfim, que se sinthetisa n'essa bella e intraduzivel palavra *sport* que a rica lingua Shakspeareana offereceu ao mundo, que não se torna facil sem perigo de errar, estabelecer uma escala onde possamos dar um primeiro ou ultimo logar a este ou áquelle ramo sportivo.

Cada povo, e at mesmo cada individuo, conforme o seu caracter e o seu temperamento tem a sua predilecção, e não sejamos nós que, nos arroguemos o direito de estabelecer primasias. No entanto parece-nos que será do agrado dos nossos amaveis leitores orientamos a nossa secção por forma a nos determos um pouco mais attentamente nos ramos que ora mais culto estão tendo na nossa bella patria portugueza. E, sem duvida, a caça não é das que deve ter o ultimo logar.

Data de remotas eras o gosto pela caça em Portugal e, se tempos houve em que esta hygienica e encantadora diversão bastante abandonada esteve, hoje, graças a um punhado de bem orientados enthusias-

tas, merece, sem favor, um logar de honra nas revistas sportivas.

Muito se tem dito e escripto ácerca das bellezas e vantagens que a caça nos offerece, tanto sob o ponto de vista artistico como sob o hygienico. A sua apologia está feita de ha muito.

Assim, não querendo nós fatigar o leitor com materia sobejamente conhecida, limitaremos o nosso papel, tão sómente a pôl-o ao corrente de tudo quanto de interessante sobre a especialidade fôr occorrendo, quer no paiz, quer no estrangeiro, como, de resto, faremos com todos os assumptos que tratarmos n'esta secção. Especie de reportagem internacional.

A caça no alto mar

São bastante numerosos entre nós os amadores das caçadas aos patos e outras aves aquaticas. Os nossos caçadores, porém, fazem essas excursões venatorias sem se exporem a grandes perigos, e transportando-se de ordinario, pelas vias terrestres até ás margens dos rios ou á beira mar, ahi fazem a sua campanha um tanto ao abrigo dos vendavaes que amiudadas vezes as surprehenderiam se se aventurassem a procurar no alto mar o seu campo de acção.

Os americanos, excentricos por natureza, *sportmen* de condição, originaes em tudo, dedicam-se com enthusiasmo a um genero de caçadas a que dão o nome de caça ao *punt* mas que está longe de se parecer com o que sob a mesma designação se pratica de ha muito na Hollanda de onde a França importou a moda.

N'esse genero de caçadas no alto mar, utilisam os bons dos yankees um barco em forma de esquife aberto, rodeado d'uma plataforma de cerca de 0,m30, a qual se prolonga por umas ripas de madeira cobertas de lona, formando como que um guarda-lama muito flexivel que, seguindo as ondulações das va-

Passagem para o esquife

gas, não permitte a entrada da agua no esquife. A' frente uma jangada quadrada de cerca de 2,m40 de lado serve para transportar a ancora.

E' geralmente nas proximidades dos bancos d'areia que os patos affluem em maior quantidade attrahidos pela abundancia de peixe.

O caçador mettendo-se n'uma qualquer embarcação, faz rebocar o esquife até ao sitio escolhido, e uma vez alli, lança ferro, tendo o cuidado de voltar

o guarda-lama para o lado do vento. Colloca em volta do pequeno barco sobre a lona e na jangada, as «chamarizes», alguns patos de madeira pintados da côres das variedades que se encontram n'aquellas paragens; e, tendo o cuidado de dispor em cima do esquife uns ramos de junco, deita-se de costas e d'olho á mira aguarda a caça.

Approxima-se a caça

D'ahi a pouco, as aves, julgando ver uma ilhota rodeada de seus semilhantes, acodem aos bandos, e então o caçador faz magnifica colheita.

Os bandos das aves aquaticas chegam sempre ás mesmas horas, de forma que se torna facil ao caçador calcular bem o tempo para não ter que esperar ao acaso.

A embarcação que de novo o ha de rebocar para

terra, não deve afastar-se muito, por fórma, á hora prefixa lhe ir ao encontro.

Calculamos que deve ser delicioso este genero de caçadas, e se o amavel leitor se quizer dar ao prazer de experimentar, poder-nos-ha depois dizer se é ou não realmente agradavel, sobretudo quando na espectativa, de costas deitado no esquife, quasi ao lume d'agua, contemplando o azul do ceu, fôr surprehendido por um violento stok d'agua ou por uma boa rajada de vento.

O cão

Quem ama a caça, ama o cão, comquanto não seja necessario ser caçador para ter affeição a esse fiel amigo do homem que em tantas conjuncturas da vida é um seu magnifico auxiliar.

Nos paizes mais adeantados, o cão é objecto de especiaes attenções. Cuida-se com todo o carinho do apuramento das melhores especies caninas, e aproveita-se-lhes o melhor possivel as suas aptidões, quer na caça, quer como guarda ou defeza, na tracção de pequenos vehiculos para transporte e ainda mesmo como simples elemento de distracção, constituindo hoje um dos mais bellos generos de *sport*.

Os inglezes teem pelo cão um verdadeiro culto e ninguem melhor que elles apresenta famosos exemplares. Os francezes seguindo-lhes na esteira, estão consagrando especial attenção aos caninos; os belgas, esses são dos que melhor partido sabem tirar de tão util animal. São bem conhecidos os cães que pelas ruas de Bruxellas andam tirando carrosinhos con-

duzidos por formosas leiteiras, levando o genero aos domicilios.

Em Portugal... crêmos bem que em mais parte alguma se pratica a barbara crueldade de os exterminar sob um pretexto que, parecendo á primeira vista rasoavel, o perigo da raiva, não o é, pois que

Fig. 1 — *Concurso do Pointer Club*
Field Rap (3.º premio). Pertencente á M. Vanderstichden

outros deveriam ser os meios empregados para nos defendermos de tão terrivel mal.

Façamos, porém, justiça; o numero dos que se dedicam entre nós á educação dos cães, já vae sendo muito rasoavel, e estamos bem certos que dentro em não longo prazo de tempo, havemos de nos pôr a par dos nossos amigos estrangeiros.

Na França, n'esse radiante fóco de civilisação, além de muitas e variadas applicações dadas ao cão, distribuiram-lhe um papel deveras importante — o de policia.

A policia franceza organisou ha pouco uma brigada de cães habilmente adestrados para a auxiliar na captura dos malfeitores.

Fig. 2 — *Exposição canina de Lille*
Crack de Merlimont, Korthals (4.º premio). Pertenc. a M. Rousseau

Na exposição canina realisada no mez de abril ultimo em Lyon pela «Société Canine du Sud-Est», o concurso dos cães de policia foi sem duvida um dos maiores, senão o maior dos successos ali obtidos.

Um magnifico grupo de seis cães belgas da raça *berger* de Groendal, executaram ao commando de M

Moncheron, o expositor, manobras surprehendentes A' voz do commandante os *bergers* atacaram um grupo de pseudos-malfeitores — pois os authenticos não se queriam sujeitar á experiencia — que defendendo-se a tiro de revolver e á cacetada, se viram, como se diz em linguagem popular, *em calças pardas*. Se o caso fosse a serio, nem um só dos *apaches* se escaparia.

Outras manobras ainda tiveram brilhante exito, como a d'um assalto ao telhado d'uma barraca de 2ᵐ,50 d'altura em busca d'um supposto ladrão ali occulto.

Um cidadão lionez comprou dois d'esses bellos exemplares, que offereceu á municipalidade de Lyon para acompanharem as patrulhas nocturnas nos bairros mais frequentados por gente *amiga do proximo*

Em Rouen tambem se vae organisar um serviço de cães de policia para vigilancia dos caes que exige um pessoal relativamente consideravel.

No proximo mez de junho deve realisar-se um concurso internacional de cães de defeza, sob a iniciativa da «Societé Canine de Normandie.»

Ainda na exposição de Lyon varias outras especies de cães causaram admiração principalmente um bello par de *São Bernardo* do dr. Jonas, os *Fox-Terriers* que MM. Lucand et Vaucher apresentaram e que lhes valeu o 1.º premio, e muitos outros exemplares de raças distinctas que mereceram ser premiadas.

Mais recentemente a exposição de Lille que se effectuou no principio d'este mez, sob os auspicios do

«Club Saint-Hubert du Nord» foi uma explendida parada canina.

Não nos é possivel referirmo-nos a todos os exemplares que ahi se podiam admirar. Os *gryphos*, os *bassets*, os *galgos*, os *setters*, os *corredores*, os *bouledogues*, os *fox* e os *fox-terriers*, os *korthals*, os *tekels* e muitas outras especies de caça, de guarda e de estimação ali se apresentaram, bellos, anafados fazendo honra aos seus proprietarios e tratadores.

As provas de cães de caça que nos dias 12 e 13 do mez passado se realisaram na magnifica matta de Missy-les-Siene, do dr. Pal de Fay, o jury, que era composto dos MM. André, Cailleux, Barão Jouberts e Conde de Richemont, personagens cuja auctoridade no assumpto é tão insuspeita como a sua imparcialidade, tiveram como caracteristicos principaes: grande progresso como numero e qualidade dos cães, organisação material perfeita, superioridade do trabalho sobre o estylo, e incitamento mais á educação do animal do que propriamente ao apuramento da qualidade.

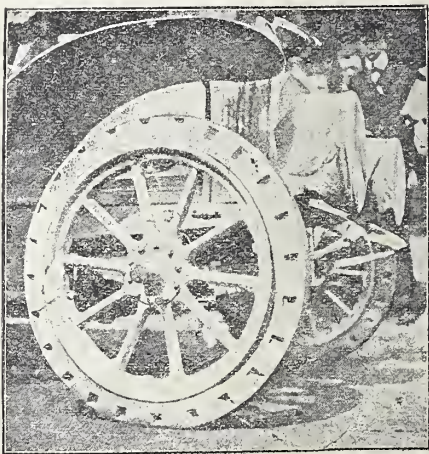
Os resultados das batidas nada deixou a desejar.

Tanto os *settus* como os *pointers* se portaram valentemente não se tornando facil avançar a qual coube o primeiro logar, pois, d'uns e d'outros, houve premiados.

Quando se realisará entre nós uma exposição de cães?

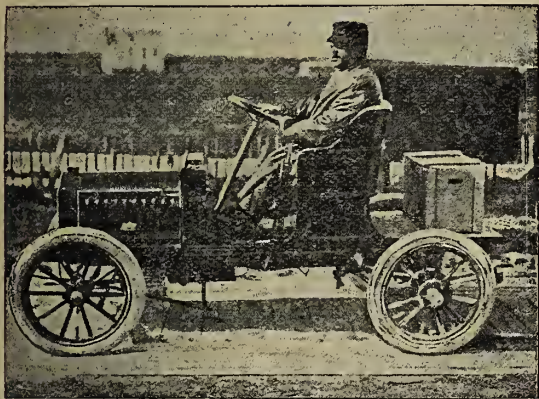
Automobilismo

O automovel está sendo cada vez mais apreciado pelos amantes da velocidade.

Dia a dia o automobilismo progride por tal fórma que estamos convencidos que não deve vir longe o dia em que todos andaremos d'automovel, a não ser que queiramos ficar debaixo d'elles, tão grande é o numero que já circula não só pelas avenidas, como pelas mais estreitas ruas e travessas.

Roda com aros elasticos

Mas o que por cá se passa não é senão um palido reflexo do que vae pelo estrangeiro. Concursos e exposições quasi todos os dias. As casas coustructoras esmeram-se nos aperfeiçoamentos e os *chauffeurs* nas correrias. Correr, correr muito, eis a questão.

No primeiro domingo de maio disputou-se nos arredores de Marselha, no *Circuit Provençal*, o *grand prix* das *voiturettes*.

N'esta prova que consistia em dar 8 voltas d'um circuito de 35 kilometros, ou sejam 240 kilometros, muito accidentado, obtiveram o primeiro logar duas

Mas em voiturette de Dion
Primeiro da sua cathegoria no concurso provençes

voiturettes de quatro cylindros Peugeot, marca já entre nós muito conhecida e acreditada. A seguir ás Peugeot distinguiu-se uma Dion que deu as terceira e quarta voltas sem differença sequer de um segundo.

Uma Delage mostrou magnificas qualidades de levesa e de resistencia.

As Werner de 4 cylindros debutaram com grande exito.

Finalmente Sigaire e Nandin sustentaram o seu primeiro logar já anteriormente conquistado na sua cathegoria.

No concurso de rodas e aros elasticos *(bondages)* que ultimamente se effectuou, 2.000 kilometros Paris-Nice e volta, tomaram parte 13 concorrentes; oito fizeram todo o trajecto, cinco dos quaes tiveram uma velocidade media superior a 30 kilometros á hora.

No identico concurso que se effectuou no anno passado em que apenas tomaram parte 3 concorrentes, nenhum d'elles conseguiu attingir aquella velocidade.

Os aperfeiçoamentos ultimamente feitos levam os automobilistas á convicção da superioridade dos aros sobre as rodas elasticas propriamente ditas.

— Brevemente deve realisar-se em Lisboa no Auto-Palace da Companhia Portugueza d'automoveis uma exposição que constituirá um verdadeiro *great-attraction* sportivo.

Palestra scientifica

Tremores de terra

O nosso planeta tem-se mostrado nos ultimos annos demasiadamente irrequieto. As catastrophes do Vesuvio, de S. Francisco da California, de Valparaiso e ultimamente ainda as do Mexico, succederam se com tão desusada frequencia que quasi parece que o solo deixou de nos offerecer condições de estabilidade e segurança.

Por mais tragicos, porém, que para nós, simples mortaes, impotentes contra as grandes convulsões da natureza, se nos apresentem aquelles phenomenos, elles não passam, sob o ponto de vista geologico, de insignificantes movimentos, ligeiros tremores da epiderme do globo. Quasi não ha dia ou hora em que a terra não seja agitada n'um ou n'outro ponto. O relevo das montanhas e a configuração das costas modifica-se constantemente, quer d'um modo lento, e, por assim dizer, insensivel, como nos grandes massiços do Canadá e da Noruega e ainda na Hollanda, cujo territorio continúa a baixar, quer por abalos bruscos e sacudidos em regiões perfeitamente caracterisadas, que nem sempre coincidem com as zonas em que domina o vulcanismo.

A Suissa, por exemplo, em cujos terrenos se não encontra o mais pequeno bocado de rochas vulcanicas e que está longe de qualquer centro vulcanico em actividade, é uma região muito castigada dos tremores de terra, alguns dos quaes teem assumido as proporções de terriveis catastrophes humanas, semeando o luto e a dôr, como o que destruiu a cidade de Bale em 1356, o de Brigue em 1755, pouco depois do que assolou a cidade de Lisboa, e o de Viège, em 1855. Quasi se póde dizer que se não passa um quarto de seculo sem que aquelle pequeno e montanhoso paiz não seja flagellado por uma d'estas grandes convulsões.

A sciencia, não podendo ainda explicar, d'um modo positivo, as causas d'estes phenomenos, pois só ha pouco tempo, relativamente, recolhe elementos de observação conscienciosa, methodica e scientifica, distingue, todavia, duas especies de tremores de terra, os vulcanicos e os não vulcanicos. Uns e outros teem uma origem muito superficial. As curvas de propagação, fornecidas pelos scismographos, denunciam que as ondas vibratorias que, muitas vezes, se transmittem d'um a outro hemispherio, teem o seu ponto de partida a uma distancia da superficie que raras vezes excede a 7 ou 8 kilometros, e nunca a 30. Parece, portanto, que a antiga hypothese do fogo central que pretendia fazer-nos acreditar que o nosso planeta é uma fornalha ardente, liquida e gazosa, coberta por uma delgada crosta sóllda, não tem que intervir na explicação do phenomeno, tanto mais que essa hypothese parece incompativel com o

valor do achatamento nos pólos e que o augmento de temperatura que se observa quando se profunda no sólo, parece que não continúa além d'uma certa profundidade, 2 a 2,5 kilometros. Além d'isso, se o interior do globo fosse uma enorme massa fluida, difficilmente a delgada crosta resistiria ás marés provocadas pela attracção do sol e da lua, como as que se produzem nas aguas do oceano, ou, pelo menos, deveriamos sentir os seus effeitos duas vezes por dia, ainda quando mais não fosse pelo trasbordamento, a horas fixas, de materias igneas das cavidades vulcanicas a que a hypothese considerada distribuia o papel de valvulas de segurança d'aquella caldeira monstra. Não. A temperatura das lavas vulcanicas e das fontes de aguas mineraes não provém do centro da Terra.

Os vulcões têem a sua origem em profundidades relativamente restrictas e são devidos a infiltrações da agua do mar que vae produzir combinações chimicas varias com certas rochas que tende a decompôr. Por isso estas grandes manifestações igneas se dão todas á borda do mar. No interior das terras não ha vulcões; os que ahi se observam extinctos estiveram outr'ora nas condições dos actuaes; ha, sim, innumeras fontes de aguas mineraes, manifestações mais modestas de infiltrações de aguas em menor escala, as das aguas das chuvas atravez dos filões graniticos.

Nas regiões vulcanicas os tremores de terra são pois devidos, segundo parece, á expansão dos gazes provenientes das acções chimicas locaes e aos des-

moronamentos internos do sólo que d'ahi resultam.

Mas se o nosso globo não é, como queria a hypothese do fogo central, uma immensa caldeira sob uma fortissima pressão, é licito suppôr, todavia, que o interior do planeta esteja em temperatura muito superior á da agua a ferver. Com effeito, segundo o que se póde suppôr sob o ponto de vista cosmogonico, a Terra foi no seu principio nebulose e sol. A sua temperatura era então elevadissima e, mesmo durante o reino da vida organica, a sua temperatura era ainda tão elevada que excedia em todos os pontos a que resulta do simples aquecimento solar, não havendo climas nem estações. Os fosseis da epocha carbonifera fornecem um testemunho irrecusavel de que n'aquella edade da Terra havia nos pólos a mesma vegetação que no equador, apezar da inclinação do eixo differir muito pouco da de hoje. N'estas condições, é muito provavel que o centro do nosso planeta não seja solido, nem liquido, nem gazoso, mas sim pastoso, até completo resfriamento.

A sua temperatura interior deve ser ainda hoje de alguns mil graus, mas, girando no espaço no meio d'um frio de 270 graus abaixo de zero, e recebendo apenas o calor do sol, o globo continuará a resfriar, condensando-se, contrahindo-se, diminuindo de volume, acompanhando as camadas terrestres exteriores esses movimentos de contracção do nucleo central, e d'ahi rupturas, apertos e deslocamentos n'aquellas camados. Para o planeta é um incidente natural, quotidiano e insignificante, uma

ligeira tremura; para a humanidade é muitas vezes uma enorme catastrophe.

Assim explica a sciencia os tremores de terra não vulcanicos, que se dão com mais frequencia nas regiões da crosta mais fraca, perfeitamente determinadas pela geologia.

Outras causas concorrem de certo para esses effeitos, menos importantes que a apontada, mas que nem por isso deixam de fazer sentir a sua influencia, maior ou menor.

Assim as chuvas, infiltrando-se atravez das camadas superficiaes do solo, penetram nas camadas inferiores, formam correntes subterraneas, atacam as rochas, cavam abysmos, combinam-se com os mineraes, chegam a regiões mais quentes, vaporisam-se e ahi temos a origem d'um tremor de terra mais ou menos violento. Ajuntemos que o calor solar exerce tambem uma tal ou qual influencia, assim como a attracção do sol e da lua, pois que é muito maior o numero de tremores observados nas conjunções que nas quadraturas, assim como quando a lua está no perigeu do que no apogeu e ainda quando a lua está no meridiano do que quando está no horisonte.

A influencia da pressão atmospherica é tambem innegavel, pois grande numero de phenomenos d'este genero foram precedidos de perturbações atmosphericas anormaes. As catastrophes que em 1885 enluctaram a Hespanha, assolando as provincias de Granada e da Andaluzia, coincidiram com perturbações atmosphericas insolitas.

Os tremores de terra manifestam-se de variadissimas fórmas. Umas vezes é um movimento ondulatorio que agita o solo. Este, parece, n'esse caso, um mar em que as arvores e alguns accidentes de terreno se assemelham a navios açoutados pelas vagas. Outras vezes são violentos abalos, de baixo para cima, que, segundo algumas narrações, chegam a projectar a grandes alturas homens, animaes e objectos moveis. Assim succedeu na Jamaica, em 1692, e em Riobamba em 1797. Tremores tem havido que se manifestam por movimentos de rotação. No tremor de terra de Santo Stephano, em 1782, as diversas partes de duas enormes pyramides quadrangulares deslocaram-se, girando, sem desabar.

Algumas vezes, ao mesmo tempo que se dá o movimento vibratorio, abrem-se no sólo grandes fendas por onde se sómem rios e cidades; d'estas fendas, algumas fecham-se immediatamente, esmagando tudo o que n'ellas cahiu.

São catastrophes perante as quaes temos que curvar a cabeça, soffrendo-lhes resignadamente as terriveis consequencias. A humanidade nada póde contra taes fatalidades, no estado actual da sciencia.

Anecdotas

Frederico, o Grande, rei da Prussia, tinha por costume disfarçar-se e sahir, só, a passeio, para observar directamente como corriam as coisas no seu reino e conhecer as necessidades do seu povo.

Um dia em que, disfarçado em simples soldado, passeava nas proximidades d'um quartel, encontrou um soldado do regimento ali aquartelado que dava evidentes manifestações de ter entrado um pouco demais pelo vinho. Immediatamente se encaminhou para elle, travando uma conversação amigavel e lamentando-se da sua paga exigua lhe não dar margem para de vez em quando poder ir á taberna variar um pouco de comida.

— Outro tanto não te acontece a ti, disse o rei ao soldado, pois, segundo vejo, permittes-te o luxo d'um copo a mais.

— Ah, meu caro, responde o soldado, se não fosse isso, não sei bem como supportaria a vida; parece-me que estourava de aborrecimento.

— Mas como fazes tu para o dinheiro te chegar? retorquiu o rei Eu confesso-te com toda a franqueza que a mim não me chega para esse luxo.

— Ora, como faço? respondeu muito alegre o soldado. Ponho no *prégo* qualquer objecto do farda-

mento ou do equipamento de que não tenha necessidade immediata. Olha, aqui muito em segredo, d'esta vez foi a lamina do sabre. Vês, substitui-a por uma de madeira. E dizendo isto, puxava pelo punho do sabre e mostrava ao rei um bocado da lamina que este estupefacto verificava ser de madeira.

— Ninguem vem a sabel-o, continuou o soldado Tão cedo não temos revista no regimento...

Frederico despediu se do soldado com maneiras muito amigaveis e no dia seguinte, acompanhado de todo o seu estado maior, appareceu inesperadamente no quartel. O regimento formou em parada, o rei passou-lhe revista e, sendo informado de que um soldado estava preso por ter commettido um crime gravissimo a que correspondia a pena de morte, ordenou que o trouxessem para a frente do regimento e, emquanto esperava, foi andando de vagar até ficar em frente do soldado com que na vespera conversára.

Chegado o criminoso á frente do regimento, Frederico, o Grande, fez uma allocução aos soldados sobre a necessidade de se manter inquebrantavel a disciplina e de se não repetirem os casos como aquelle de que era accusado o soldado que estava na sua presença, terminando por annunciar que ia dar ali mesmo um exemplo de castigo severissimo.

E, voltando-se para o soldado com que conversára na vespera e que estava na formatura mesmo na sua frente, ordenou-lhe com voz imperiosa:

— Corta a cabeça a esse miseravel!

O soldado, aturdido pela inesperada ordem, sae da formatura, prostra-se perante o rei, supplicando-lhe

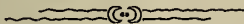
que o poupe ao remorso de executar um camarada, embora indigno da estima dos soldados leaes e disciplinados.

Mas o rei, implacavel, repetiu com intimativa:

— Corta a cabeça a esse miseravel!

— Pois bem, exclama o soldado, já que Vossa Magestade se não digna acceder ás minhas supplicas, nada tenho à esperar dos homens. Dirijo-me a Deus que lê no mais recondito da minha consciencia. Supplico a Deus o milagre de transformar em pau a lamina do meu sabre!

E dizendo isto, saca o sabre com um movimento rapido e energico, mas ao mesmo tempo deixa-o cahir e recúa com os olhos esbugalhados e bem fingido espanto ao verificar que a sua supplica fôra attendida pelo céo.

Frederico, estupefacto, admirava a finura e sangue frio do soldado e chamando-o depois á sua presença, aconselhou-o a não mais pôr no *prégo* os objectos de fardamento e deu-lhe uma avultada quantia que o soldado recebeu com grandes mostras de reconhecimento.

Napoleão passou uma manhã revista geral a todas as suas tropas na Alameda Verde de Bruxellas. Percorrendo as fileiras d'aquelles valentes com o seu profundo olhar, notou um soldado já velho, com uns enormes bigodes e cara enegrecida pelo sol e pela polvora, que não tinha outra distincção além da sua graduação de sargento brigadas e fez-lhe signal para

se approximar. O velho soldado, ao vêr que era chamado pelo imperador, sentiu uma emoção, como até ahi nunca sentira e um vivo rubor cobriu-lhe as faces.

— A tua cara não me é desconhecida, disse-lhe Napoleão, já te vi n'outra parte, mas parece-me que ha muito tempo, porque não me lembro onde nem quando. Como te chamas?

— Noël, sire, respondeu o sargento com voz tremula.

— D'onde és?

— Da Belgica.

— Não estiveste em Italia?

— Estive, sire, era tambor na ponte d'Arcola.

— E foste promovido a sargento brigadas, quando?

— Em Marengo, sire.

— Mas depois?

— Tomei parte em todas as grandes batalhas.

O imperador fez outro signal e o sargento brigadas entrou de novo na fileira. Napoleão esteve conversando com o coronel durante uns minutos e alguns olhares lançados sobre Noël denuuciavam que era d'elle que o imperador se occupava.

Noël era um soldado valoroso e pacato, escravo do dever e da disciplina, leal e dedicado, dizia o coronel. Tinha-se distinguido em todas as batalhas, mas não solicitava postos nem honrarias e talvez por isso tinha sido esquecido em todas as promoções.

Napoleão chamou-o de novo:

— Ha muito tempo que mereceste a cruz, disse-lhe dando-lhe a que trazia ao peito. Bravo! és um valente!

Noël que estava entre o coronel e o imperador não pôde articular uma palavra, mas os seus olhares exprimiam claramente o seu reconhecimento e a sua adoração por Napoleão.

O coronel fez então um signal e os tambores tocaram á ordem, fazendo-se profundo silencio nas fileiras, e, apresentando ao excrcito o novo cavalleiro da Legião de Honra que tremia ao pôr a sua cruz no peito, o coronel gritou com voz forte e sonora:

— Em nome do imperador! Reconhecei o sargento brigadas Noël como alferes no vosso regimento!

Todo o exercito apresentou armas. Noël, cujo coração parecia querer-lhe saltar do peito, ouviu a voz do coronel, mas tudo aquillo lhe parecia um sonho. Quiz prostrar-se de joelhos, mas foi retido n'esse movimento pela figura impassivel do imperador. Sem ver esse movimento, sem dar attenção aos sentimentos que agitavam o velho soldado, Napoleão fez um signal e os tambores tocaram novamente á ordem. E o coronel gritou outra vez com voz forte:

— Em nome do imperador! Reconhecei o alferes Noël como tenente no vosso regimento!

Noël, ouvindo esta nova promoção, não pôde conter as lagrimas; elle vacillava, os joelhos dobravam-se-lhe e os seus labios moviam-se sem chegarem a produzir qualquer som, quando um terceiro toque á ordem acabou por o desorientar completamente. E o coronel gritou de novo:

— Em nome do imperador! Reconhecei o tenente Noël como capitão no vosso regimento.

Depois d'esta promoção, o imperador com aquella

calma superior ás paixões que lhe dava tanta magestade, continuou grave e impassivelmente a sua revista.

Noël tinha desmaiado nos braços do coronel ao gritar com voz fraca:

— Viva o imperador!

Homens celebres de todos os tempos

EDISON

Thomaz Edison, o celebre inventor do phonographo, é o exemplo vivo mais frisante do que póde uma lucida intelligencia servida por uma vontade firme. Filho de paes pobrissimos, era aos 12 annos de edade constrangido a procurar emprego para viver, e acceitou o mister de carregador de bagagens nos *fourgons* da linha Canadá e Michigan Central, que accumulava com o de vendedor de jornaes nas estações para augmentar um pouco os seus modestissimos proventos. De temperamento irrequieto e emprehendedor, concebeu um dia a idéa de publicar um jornal feito no seu *fourgon* de bagagens e, comprando por baixo preço uma porção de caractéres de imprensa, rebutalho d'uma typographia, eil-o a redigir, compôr, imprimir e vender o seu *The Grant Frinck Herald*, que mais tarde mudou em *The Weckly Herald*, e que os passageiros compravam de bom grado, attendendo ás originalissimas circumstancias em que era feito.

Tendo por costume lêr tudo quanto lhe ia parar ás

mãos, um Tratado de analyse de chimica, de Frémmies, de que se achou de posse, não se sabe como, despertou-lhe uma tão ardente paixão por aquella sciencia que, com os lucros do jornal, montou a um canto escuro do seu *fourgon* um pequeno laboratorio chimico. Um dia, porém, marchando o comboio a toda a velocidade, entornou-se-lhe uma garrafa com phosphoro, provocando um incendio que o pessoal do comboio pôde felizmente dominar, mas a redacção e typographia do *Herald* foi pasto das chammas e o conductor do comboio, justamente zangado com as diabruras do pequeno Edison, fez atirar á via todos os frascos e instrumentos do pequeno laboratorio. Não se dando por vencido com este contratempo, Edison fundou em Port Huron novo jornal com o titulo *Paul Pry* (Paulo, o indiscreto). Como porém nem sempre as pessoas eram ahi tratadas com o respeito devido, um individuo, injustamente offendido, ferrou-lhe uma sóva e atirou com elle á agua e apoz este rude incidente, Edison abandonou a vida jornalistica, procurando outro rumo. Tendo aprendido noções de telegraphia e o manejo dos apparelhos que lhe ensinára um chefe de estação a seu pedido, como recompensa de lhe ter salvo um filho de ser esmagado pelo comboio, Edison pediu e obteve um emprego de telegraphista n'uma das estações da linha de Michigan. Era porém um pessimo empregado; constantemente entregue á leitura dos livros que lhe iam cahir nas mãos, não attendia aos apparelhos e o chefe viu-se na necessidade de lhe impôr a obrigação de transmittir de meia em meia hora para a estação

proxima uma determinada palavra. Edison não se incommodou com isso; arranjou uma disposição pela qual a palavra era automaticamente expedida á hora precisa e assim pôde continuar a entregar-se ás suas occupações favoritas. Passado tempo o chefe descobriu o logro e o descuidado empregado foi transferido

Thomaz Edison no seu laboratorio

para Memphis. O correctivo não lhe aproveitou. Todo entregue ao pensamento de descobrir o modo de fazer passar pelo mesmo fio dois despachos telegraphicos em sentido inverso, não fazia caso do emprego; enthusiasmado com a idéa, communicou-a ao seu chefe, o qual lhe chamou doido. D'ahi a pouco, porém, pensava n'outro problema — pôr dois comboios em marcha em communicação telegraphica — e como d'ahi poderia resultar grande utilidade na pratica, consentirám-lhe d'essa vez que procedesse a experiencias das quaes Edison se sahiu mal, encontrando-se os comboios, sem que todavia succedesse qualquer desastre. O insuccesso foi devido apenas á imperfeição dos apparelhos de que se serviu, mas a paciencia dos chefes tinha sido submettida muitas vezes a rudes provas e Edison foi despedido. O nome do joven americano começava todavia a despertar a attenção dos seus compatriotas. Uma sociedade financeira chamou-o a New-York para regular um apparelho registador dos preços das cotações da Bolsa para todos os titulos, do que elle se desempenhou muito bem e a União dos telegraphos de Oeste, farejando n'elle o grande inventor, contractou-o como engenheiro e poz á sua disposição as officinas de Menlo Park. Aqui principiou a gloriosa carreira do illustre americano. D'aquellas officinas começaram desde logo a sahir os productos do genio inventivo de Edison: o telephone de pilha, o phonographo, a penna electrica, o apparelho para transmissão simultanea de varios despachos telegraphicos, o microphone, a machina de votar, a machina dynamo electrica, o regu-

lador de correntes, a lampada de incandescencia, etc. etc.

Relatar todos os inventos do illustre americano seria impossivel em tão apertado espaço e o nosso fim, não foi esse. Apenas quizemos mostrar como um ho-

Thomaz Edison procedendo a uma experiencia

mem de tão humilde origem soube elevar-se e impôr-se á consideração de toda a humanidade que d'elle espera ainda confiadamente algumas maravilhas mais, tão habituada está a pensar que o genio inventivo de Edison não conhece limites.

Charadas, enygmas e acrosticos

ACROSTICO.

S . . . .
. A . . .
. L . . . . .
. V . .
. . . E . . .

. L . . .
. . . E . . .
. . . . I . . . . .
. . . T .
. O . . .
. . . . R .
. . . . . . E . .
S . . . . .

Estações de caminho de ferro

PERGUNTAS GEOGRAPHICAS.

Que terra se vê nos altares?
Que terra é solo e fructa?
Que terra é uma arvore, um forte e um homem?
Que terra é formada por um fructo e uma cidade?

CHARADAS METAMORPHOSES.

Este homem é homem — 2 (B M).
Bebe-se a provincia — 2 (V M).

CHARADA TRUNCADA.

A dôr bebe-se. — 2.

RAPIDOS.

1-2-3-4 5-6-7-8
Dôr Buraco
Terra portugueza

*

1-2-3 4-5
Bebida Utensilio
Nos moços de fretes

*

1-2-3 4-5
Liga Nota
Prisão

Alminhas.

EM PHRASE.

Uma senhora está isolada com o homem.—2—1.

Açnarepse.

AUGMENTATIVA.

Na solemnisação usa-se uma grinalda.—2.

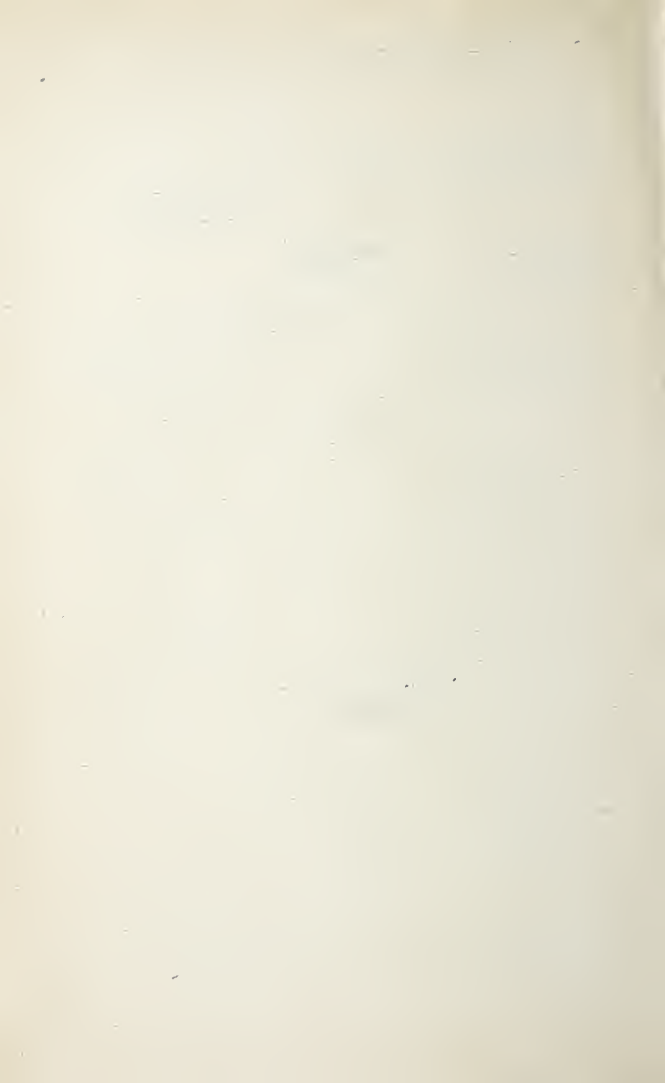
Açnarepse.

BIFORMES.

E' entendido com o trabalho? — 2.

*

A rapoza foi no carro — 2.

Açnarepse.

HORTICULTURA E FLORICULTURA

A horta no mez de junho

O leitor, que todos os dias emprega algumas horas no amanho da sua horta, gostará por certo de ver as suas plantas com força e vigor, com as folhas d'um verde muito vivo, firmes e aprumadas. Não se esqueça, então, de que o mez de junho é, em geral, bastante quente e de que as suas plantas precisam, por isso, de regas amiudadas e abundantes, de manhã e á tarde. Nunca na força do calor. Se na sua horta tiver melões e quizer que elles sejam saboreados e elogiados pelos amigos convidados a proval-os, não lhes falte agora com muita agua, aos melões, bem entendido, e vá capando, entende-se sempre com os melões, os que tiver cultivado ao ar livre. N'este tempo já se colhem estes saborosos fructos, assim como os morangos, as ervilhas, as batatas, as cenouras, alcachofras, alhos, espargos, etc. E não se descuide o hortelão amador, que está lendo o que escrevemos, de ir procedendo ás suas sementeiras de verão, de rabanetes, de feijão carrapato, alface, chicoria, etc. Cape os tomatos e pepinos, e ligue as chicorias, porque, quando não, sahir-lhe-hão um pouco duras.

O mez que vae entrar exige do hortelão sachas frequentes. Tenha paciencia; sem trabalho não se póde possuir uma bella horta. Por isso vá sachando e vá plantando, se assim quizer, pimentos, tomates, cardos, beringellas, batatas dôces e melões. Se ainda fôr da sua vontade, ao cahir da tarde, disponha novas plantações de aipo, chicoria e escarolla, mas resguarde-as bem dos raios solares no dia seguinte. Talvez o leitor não saiba o que vem a ser a *escarolla ;* o nome é pouco conhecido e por isso não admira que nunca o tenha ouvido, tanto mais que não é hortelão profissional. Esse não precisaria decerto dos nossos conselhos. A escarolla é uma variedade da chicoria; tem as folhas mais largas e repolhudas, voltadas para dentro, formando repolho; outra ha, tambem classificada como escarolla e que é muito boa para comer quando pequena, de folhas verdes claras, levemente amarelladas, mas que *enrepolham* pouco, isto é, voltam-se pouco a pouco para dentro.

O leitor póde, se lhe agradar, semear qualquer d'estas variedades n'este mez, durante o qual já não terá pouco que fazer, se quizer ter uma horta que se possa ver.

O jardim — Educação das plantas

Da horta passemos ao jardim. Se a primeira é util porque nos fornece a meza de excellentes exemplares comestiveis, o segundo não o é menos, pois nos delicia a vista e o olfacto e recreia o espirito, e nem

só de pão vive o homem. Por isso apraz-nos acreditar que o leitor possue um magnifico jardim com deslumbrantes flores e bellos arbustos e quem sabe se um pomar tentador. Naturalmente entrega-o aos cuidados do seu jardineiro, mas se assim procede, perde quasi todas as vantagens da posse d'uma tal preciosidade e permitta-nos que lhe digamos que procede muito mal.

Na verdade é difficil conceber prazer mais intenso que a observação quotidiana e os cuidados tidos no crescimento e desenvolvimento d'uma flôr ou d'um arbusto, d'uma planta qualquer por nós semeada, plantada, transplantada, enxertada ou mergulhada. E' muito superior ao que procuramos no theatro, na tourada e até na convivencia, e por isso o proprietario d'um jardim, que o confia inteiramente a trabalhos mercenarios, não só perde materialmente, mas estaca voluntariamente uma fonte inexhaurivel de prazeres incomparaveis. Não, o proprietario deve cuidar pessoalmente do seu jardim e, se este fôr muito grande, deve reservar, pelo menos, um ou dois canteiros para seu entretenimento.

As plantas, porém, exigem cuidados minuciosos e intelligentes e quem quizer possuir um jardim primoroso tem de acatar e applicar os conselhos e as regras dos praticos no assumpto.

O primeiro cuidado do jardineiro amador deve ser a escolha das sementes. As melhores sementes, ou por outra, as que nos offerecem mais confiança, são naturalmente as obtidas de plantas por nós mesmos cultivadas. E' necessario todavia não perder de

vista que devemos preferir as provenientes de plantas obtidas por sementeira, escolhendo entre estas os exemplares mais vigorosos que apresentarem as propriedades caracteristicas da raça ou variedade que pretendemos reproduzir.

Quando não podemos obter as sementes por nós mesmos, seremos forçados a adquiril-as no mercado, mas, n'este caso, devemos preferir uma casa de confiança que venda apenas as sementes que provém dos seus jardins.

Obtida a semente, resta-nos lançal-a á terra. A primeira questão que se nos impõe é a da épocha em que essa operação deve ser feita.

Sob este ponto de vista uma só coisa nos deve preoccupar — evitar os frios rigorosos e os calores excessivos, sobretudo os primeiros. Portanto, como regra geral, plantas de desenvolvimento rapido, semeiam-se no outomno a tempo de attingirem desenvolvimento sufficiente para resistirem aos frios do inverno; plantas de desenvolvimento moroso semeiam-se logo após o inverno, pela primavera e estio fóra, confórme o tempo que gastarem a crescer e a desenvolver-se; o caso é que, quando chegarem os frios, as plantas estejam bastante crescidas para lhes resistirem.

Quem, porém, disposer nos seus jardins do necessario para crear á planta um meio artificial proprio ao seu crescimento e desenvolvimento, póde effectuar a sementeira em qualquer epocha.

A epocha da disseminação das sementes é boa para a sementeira das plantas florestaes. Essa epo-

cha é para quasi todos o outomno. E' porém, conveniente, quando se semeia n'esta estação, fazer a sementeira em viveiro e não no logar definitivo marcado á planta, porque, n'este caso, corre-se o risco de a perder por accidentes imprevistos, como frios extemporaneos, inundação do terreno, etc.

A sementeira de certas especies exige particulares cuidados que a natureza d'esta revista não nos permitte explanar. Não temos mesmo espaço para continuar-mos, e por isso reservamos para o proximo numero tratar dos differentes modos como podemos fazer multiplicar as plantas.

Os grandes paizes e as grandes cidades

Estados Unidos da America do Norte

Ligeira noticia geographica, financeira, economica e administrativa — O ouro de Nevada

Os Estados Unidos da America do Norte occupam, como se sabe, a parte central e a mais favorecida região do norte da America, estendendo-se desde o Atlantico ao Pacifico e dividindo-se sob o ponto de vista da geographia physica, em cinco partes, a saber: 1.ª A grande planicie atlantica; 2.ª Todo o systema dos montes Alleghany, cujo cume mais alto é o Monte Negro, no estado de Tenessu, com 2.500 metros; 3.ª O grande valle central, desde o golpho do Mexico, seguindo a bacia hydrographica do Mississipi até aos lagos da fronteira do Canadá; 4.ª A região das cordilheiras, incluindo as Montanhas Rochosas, cujo pico mais alto, Harvard, se eleva a 4.800 metros, a bacia do Grande Lago Salgado a 1.400 metros acima do nivel do mar, e a Serra Nevada, cujo pico Whitucy mede 5.000 metros de altura; 5.ª A região do Pacifico.

O territorio dos Estados Unidos mede 3.024.900 milhas quadradas de superficie, ou seja approxima-

damente 87 vezes a superficie continental do nosso paiz, com uma população de 76.303.400 habitantes, dos quaes 67.111.400 brancos e 9.192.000 de côr, nos quaes se incluem 8.640.000 negros, 360.000 indios e 192.000 amarellos (112.000 chinezes e 80.000 japonezes). Nos Estados Unidos entram annualmente 730.000 immigrantes, approximadamente.

N'esta enorme população a percentagem de analphabetos é apenas de 6 por cento para os brancos naturaes do paiz, 13 por cento para os brancos estrangeiros e 57 por cento para os negros. As escolas primarias são frequentadas por 1.700.000 creanças e existem 1.525 collegios com 360.000 estudantes.

E' um paiz novo, com uma grande porção de territorio ainda por explorar e com uma população de uma actividade febril.

O seu commercio é representado por 180.600.000 libras sterlinas, approximadamente, de importação, e 271:096.000 libras, de exportação. Os productos manufacturados representam 24 por cento das importações e 35 por cento das exportações. Os principaes generos de exportação são o algodão, representado pela cifra de 62.730.000 libras esterlinas e os cereaes por 55.119.000 libras.

Na importação figura em primeiro logar o assucar, com a cifra de 18.100.000 libras e segue-se o café com 12.560.000 libras.

O seu principal commercio é com a sua antiga metropole, a Inglaterra, a qual figura com 34 por cento do commercio total, representando o commercio com a Allemanha 12 por cento.

A marinha mercante conta cerca de 17.000 navios, apresentando, approximadamente, 2.500.000 toneladas, devendo-se-lhe juntar perto de 3.900 navios, sommando proximamente 1.800.000 toneladas, de navegação nos lagos e rios.

O territorio da União é atravessado em todas as direcções por cerca de 370.200 kilometros de vias ferreas e sulcado por 7.500 kilemetros de canaes.

Nos trabalhos agricolas occupa-se 44 por cento da população. A area cultivada é representada por 338.000 milhas quadradas e as pastagens por 1:365.000 milhas quadradas para 170.000.000 de cabeças de gado cavallar, bovino, suino e lanigero.

As industrias e minas occupam 22 por cento da população e os productos das minas, jazigos e poços são avaliados em 216 milhões de libras esterlinas por anno, comprehendendo cerca de 270.000.000 de toneladas de carvão, 15.000.000 de toneladas de ferro, 281.000 de cobre, 1.500.000 libras esterlinas de prata, 16 milhões de ouro, afóra zinco, petroleo, etc.

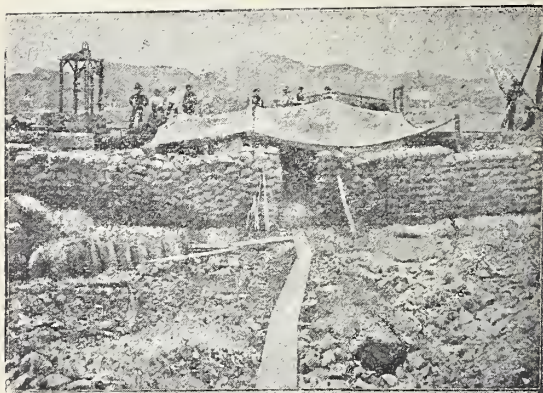
A industria das pescarias attinge uma alta importancia.

O productos manufacturados nos diversos estados da União são avaliados em cerca de 200 milhões de libras por anno.

O clima é frio nos estados do norte, temperado nos do centro e um pouco quente, quasi tropical, nos do sul. Sob a mesma latitude a costa do Atlantico é mais fria que a do Pacifico.

Nos Estados Unidos não ha religião do Estado;

predomina a egreja anglicana e 30 por cento dos habitantes professam a religião catholica.

O governo é uma republica federal de 50 estados O poder executivo reside no presidente eleito por 4 annos e o legislativo no Congresso, composto de uma

A mina Jauvary em Goldfield

camara de senadores e outra de deputados. A capital federal é Washington, no districto federal da Columbia.

A receita da republica monta a cerca de 200 milhões de libras e a divida é de perto de 384 milhões de libras, isto é, superior á receita de 2 annos.

Os Estados Unidos exercem protectorado sobre o archipelago das Philippinas e das ilhas de Sandwich

e consideram como colonias a ilha de Porto Rico, nas Antilhas, a ilha de Guam, no archipelago das Mariannas, a peninsula de Alaska, comprada á Russia em 1867, e algumas pequenas ilhas do archipelago de Samôa. A' ilha de Cuba deram a independencia; conservam porém a respeito d'ella direitos excepcionaes de preferencia a qualquer outra nação.

Tal é nas suas linhas muito geraes o grande Estado americano, destinado a um papel brilhante no concerto mundial das nações civilisadas.

A febre do ouro — O estado de Nevada

No meio d'este grande paiz, que denuncia uma extraordinaria prosperidade em todas as manifestações da actividade humana, separando o grande valle central da vertente do Pacifico, existe um enorme tracto de terreno escalvado, deserto, nú, arido, cujo aspecto arripia. E' a região das cordilheiras, comprehendendo as montanhas Rochosas, a grande bacia do Grande Lago Salgado e a serra Nevada, cuja vertente occidental cáe sobre a planicie do Pacifico. No extensissimo planalto formado pelas Montanhas Rochosas e a serra Nevada existem quatro estados que pela força das circumstancias estavam affastados do convivio dos outros. O seu territorio nem sequer era atravessado por uma linha ferrea, havendo tantas na União. Quatro estados extensos e pouco povoados, dos quaes o mais extenso e menos povoado é o de Nevada.

Para fazer uma ideia do que poderá ser esse territorio, basta dizer que a Nevada mede 110.700 milhas quadradas, ou seja cerca de tres vezes e meia a superficie continentel do nosso paiz, e tinha, ha quatro ou cinco annos, 42.300 habitantes apenas! As duas cidades mais importantes d'esse estado, uma, Virginia, tem 8.500 habitantes, e outra, Carsou, 4.000!

Mas devia chegar a sua hora. O paiz é tudo quanto ha de mais desolador, mas situado n'uma magnifica região aurifera entre a California e o Colorado, era de esperar que, mais cedo ou mais tarde, o ouro appareceria e faria accorrer áquellas rochas aquecidas pelos raios do sol abrazador, áquelle paiz sem vegetação, sem uma sombra, onde as extremidades ponteagudas das serras tomam no crepusculo aspectos verdadeiramente phantasticos, os aventureiros de todas as partes do mundo. E de facto assim foi. As minas de Comstock deram vida e animação áquelle árido deserto, durante 10 annos, com um rendimento médio annual de 4 milhões de libras.

Mas um dia descobrem-se no Colorado uns filões auriferos de grande valor, excepcionalmente promettedores, ricos, riquissimos de fagueiras esperanças, e eis que a turba multa dos aventureiros, dos insaciaveis, abandona o Nevada com a mesma presteza, com a mesma sem-cerimonia com que chegára e assentara as sua tendas.

E o Nevada quasi voltou ao primitivo estado de abandono, sendo votado novamente ao esquecimento.

A sorte, porém, reservava-lhe melhores dias. Em

1900 um tal Butler descobre, em Tonopah, um riquissimo filão aurifero, tão rico que no principio da exploração, na febre do enthusiasmo, se deitava fóra todo o minerio de valor inferior a 20 libras a tonelada. Hoje não. Hoje só não se aproveita o minerio cujo valor seja inferior a 5 libras a tonelada.

O ouro representa 43 por cento e a prata 57 por cento da totalidade do minerio. Não era preciso mais para attrahir de novo os aventureiros e os *prospectors*. Onde nada existia levantam-se hoje cidades de alguns milhares de habitantes, com um aspecto especial de feiras gigantescas.

Nos cinco primeiros annos de exploração, as cinco ou seis minas do districto mineiro de Tonopah renderam 2.600.000 libras esterlinas.

Não ficou, porém, por aqui. Em 1903 era descoberto um outro campo mineiro em Goldfield, mais extenso e mais rico que o primeiro, do qual dista 40 kilometros para o sul, que logo nos tres primeiros annos de exploração rendeu 1.400.000 libras.

Mais tarde descobrem-se ainda novos filões auriferos em Bullpog, e em 1906 é, finalmente, descoberto o districto aurifero de Manhattan, que parece ser o mais rico e o mais extenso de todos os seus predecessores. O enthusiasmo chegou então ao delirio e a febre e a actividade que reinam no Nevada faz recordar os tempos da exploração aurifera da California.

Aquelle chão que queima, aquelles caminhos pedregosos sem uma sombra, aquelle arido deserto é agora atravessado em todos os sentidos por nuvens

de *prospectors* e pelos aventureiros de todas as especies.

E' a febre do ouro. Já uma via ferrea liga Tonopah e Goldfield á linha União do Pacifico e uma outra construida do Grande Lago Salgado a Los Angeles atravessa a parte sul de Nevada.

Distracções e coisas uteis

A physica offerece um vastissimo campo de experiencias recreativas que o leitor poderá aproveitar como agradavel passatempo quando uma noite fria e chuvosa lhe fizer preferir ao passeio habitual o conchego de sua casa. A electricidade concorre para esses entretenimentos familiares com um importante contingente de experiencias simplicissimas que dispensam quaesquer instrumentos. Descreveremos algumas d'essas que o leitor executará quando estiver de pachorra, e virão depois outras que exigem instrumentos, mas tão simples que os ensinaremos a fabricar de maneira pratica e economica, quasi sem dispendio algum, o que tambem servirá, para o leitor curioso, de distração agradavel.

Electrisação d'uma folha de papel
Faiscas electricas

Com tempo secco, o que succede frequentes vezes de inverno quando o frio é intenso, aquece-se uma folha de papel á luz d'um candieiro, estende-se sobre a mesa e esfrega-se com a palma da mão durante alguns instantes. O papel electrisa-se rapidamente, como se póde verificar, tentando levantal-o da mesa.

Sentir-se-ha uma força de resistencia muito apreciavel, como se a folha de papel estivesse collada á madeira e ouvir-se-ha um pequeno estalido secco quando por fim a levantarmos. Se a fizermos escorregar ao longo da mesa até uma das extremidades, a folha de papel ficará ahi dependurada por um dos seus angulos. Do mesmo modo, se esfregar-mos a folha de papel de encontro a uma porta ella ficará ahi collada.

Agora peguemos em duas folhas de papel e façamol-as escorregar uma sobre a outra sem que se separem. Se as abandonarmos bruscamente, notaremos um movimento accentuado das duas folhas para se collocarem em perfeita coincidencia. E' que a operação a que as submettemos, fel-as carregar de electricidade de nomes contrarios e d'ahi esse movimento de attração. Mas se em vez d'isso pegarmos por uma extremidade em duas tiras de papel sobrepostas e as friccionarmos entre os dedos, ellas affastar-se-hão logo uma da outra, porque ficam ambas carregadas de electricidade positiva e d'ahi um movimento de repulsão.

A folha de papel constitue, n'estas elementares experiencias que deixamos referidas, uma verdadeira machina electrica e até d'ella poderemos tirar uma faisca que, na obscuridade, é perfeitamente visivel. Bastará esfregar com força a folha de papel, levantal-a por um dos angulos e approximar d'ella um dedo. Logo se verá saltar uma pequena faisca, ouvindo-se ao mesmo tempo um pequenino ruido. E' o raio e o trovão em proporções modestissimas.

Se approximarmos a folha de papel da cara, ella tenderá a collar-se-nos á face, e se nos oppozermos ao contacto, sentiremos uma pequena impressão, semelhante á que nos produziria a passagem d'uma teia de aranha.

Nós podemos, porém, augmentar a força d'esta rudimentarissima machina electrica. Bastará que ponhamos sobre a folha de papel electrisada um mólho de chaves, algumas moedas ou quaesquer outros objectos metallicos que tenhamos mais á mão. Levantando pelas extremidades a folha de papel, qualquer pessoa que approximar o dedo dos objectos metallicos fará saltar immediatamente uma faisca.

Se tivermos préviamente ligado os objectos metallicos com um fio de seda, escusaremos de levantar o papel; levantaremos aquelles objectos, pegando na extremidade do fio e obteremos do mesmo modo a faisca, logo que d'elles approximemos um dedo.

O boneco de sabugo fulminado por um raio; choque directo e choque reflexo; o pára-raios

Passemos a uma experiencia muito mais interessante com que o leitor fará rir a familia embasbacada. Arranje um boneco de sabugo, o que é muito facil, que tenha os braços e a cabeça moveis, os quaes, para este effeito, podem ser ligados ao corpo com linha de coser (fig. 1) e não esqueçam de lhe collocar na cabeça alguns bocados de linha que façam o papel de cabellos, porque isso torna a experiencia mais apparatosa, como adiante se verá.

Depois de termos esfregado vigorosamente a folha de papel da experiencia anterior, ponhamos-lhe em cima a tampa d'uma panella de ferro ou de aluminio ligada pela aza a um fio de seda, toquemol-a com um dedo e em seguida levantemol-a pelo fio. A tampa da panella assim suspensa no ar faz perfeitamente o papel d'uma nuvem carregada de electricidade. Agora ponhamos o boneco de pé sobre uma mesa e sobre a sua cabeça, a distancia, colloquemos a tampa electrisada sempre suspensa do fio de seda e façamol-a descer lentamente. A' medida que esta se fôr approximando, o boneco começará a dar evidentes signaes de agitação: (fig. 2) endireita-se-lhe a cabeça, põem-se-lhe os cabellos em pé e levanta os braços ao céo como a pedir misericordia. Mas a implacavel tampa continúa na sua descida, a distancia encurta-se, a faisca salta e o boneco baixa a cabeça, abate os braços e cae para o lado (fig. 3) fulminado pelo raio; é o choque directo.

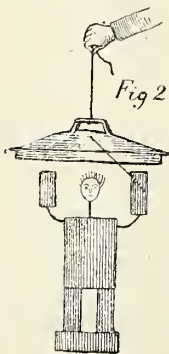
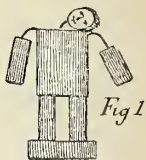



Fig 1

Fig 2

Levantemos, porém, o pobre boneco e electrizemos de novo a tampa da panella, collocando-o sobre a folha de papel préviamente esfregada com vigor, e suspendendo-a pelo fio depois de a tocar com

um dedo. Tornemos a pôr a tampa sobre a cabeça do boneco, mas a distancia sufficiente para se não produzir a faisca entre uma e outro e approximemos nós o dedo da tampa. Immediatamente entre esta e o nosso dedo se produzirá uma faisca, e, com grande espanto nosso certamente, o boneco, apezar de não ter sido attingido pelo raio, baixa a cabeça os braços e cáe para o lado. D'esta vez não foi fulminado, mas morreu de choque reflexo, que é, muitas vezes, tão perigoso como o directo.

Fig 3

Mas se quizermos ver como o boneco se ri da tampa da panella e das nossas tentativas para o fulminar, levantemol-o de novo e ponhamos-lhe ao lado, com a ponta para o ar, uma comprida agulha de aço. Tornemos a collocar-lhe por cima da cabeça a tampa electrisada. D'esta vez nem se move (fig. 4) e d'ahi a pouco nem encontraremos na tampa vestigios de electricidade. E' por effeito da agulha que desempenha á maravilha o papel de pára-raios.

Fig 4

Gravar quaesquer desenhos n'uma pequena placa de vidro ou de metal

Vamos descrever agora um processo muito simples de passar ao vidro ou ao metal quaesquer desenhos. A electricidade não intervem n'este entretenimento de utilidade incontestavel.

Executam-se os desenhos n'uma folha de papel consistente, recortam-se e colla-se o papel na placa de vidro ou de metal, préviamente bem limpa e polida, tendo o cuidado de empregar boa gomma e enxugar muito bem a que se accumular nos bordos do papel. Mette-se em seguida a placa n'um caixilho que se fixa a um dos lados mais pequenos d'uma caixa de madeira rectangular, de fórma alongada, com cerca de 25 a 30 centimetros de comprimento, na qual se introduz uma porção de esmeril grosso e egual peso de chumbo de caça, fechando-se depois a tampa guarnecida com uma tira de panno ou de feltro, a fim de evitar que cáia o esmeril. Feito isto, vira-se a caixa de modo que fique para baixo o lado a que está fixo o caixilho e imprimem-se-lhe varias sacudidellas no sentido vertical. A mistura do chumbo e do esmeril, batendo alternadamente nas duas extremidades da caixa, atacará d'ahi a pouco a placa nos pontos em que não está protegida pelo papel. Terminada a operação tira-se o papel, molhando-o e enxuga-se a placa, na qual se encontrarão os desenhos reproduzidos em fosco sobre fundo brilhante.

Limpar objectos que deixamos carregar de ferrugem

Passemos a coisas cuja utilidade se nos impõe frequentemente pela necessidade quasi quotidiana de as empregar.

Quando tivermos quaesquer objectos muito carregados de ferrugem, podemos desembaraçal-os facilmente d'esse terrivel agente corrosivo do ferro, mergulhando-os durante 12 a 24 horas, conforme a espessura da camada de ferrugem, n'uma solução mais ou menos saturada de chloreto de estanho. A solução não deve conter um grande excesso de acido, porque, n'este caso, o ferro tambem seria atacado. A' sahida do banho mettem-se as peças em agua e a seguir em ammoniaco e enxugam-se rapidamente. Os objectos ficam depois d'isto com a apparencia da prata fosca, mas sendo esfregado com um panno, retomam logo o aspecto normal.

Desatarrachar um parafuso que se encontra muito enferrujado — Meios de preservar os parafusos da ferrugem durante muitos annos.

E' um precalço com que estamos sempre a topar: um parafuso de ferro que resiste a todos os esforços feitos para o tirar. E, todavia, ha um meio simplicissimo de o desaparafusar rapidamente com qualquer chave vulgar. Pega-se n'uma pequena barra de ferro, achatada n'uma das extremidades, mette-se ao fogo

até chegar ao rubro. Aquece-se com ella durante dois ou tres minutos a cabeça do parafuso que, ao fim d'este tempo, girará com qualquer chave vulgar tão facilmente como se tivesse sido aparafusado na occasião.

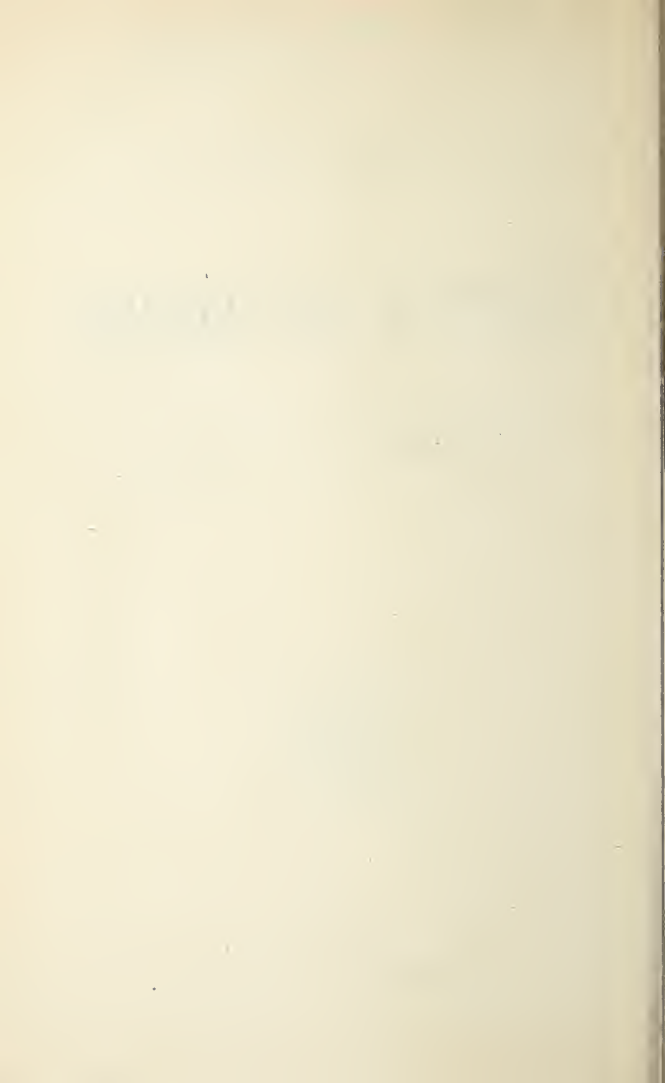
Os parafusos de ferro tem esse gravissimo inconveniente de enferrujarem rapidamente, principalmente quando empregados n'um logar humido. Os carpinteiros costumam para obviar a esse inconveniente, merguihal-os em azeite ou em sebo antes de os aparafusar. Isso porém não basta e o unico meio de proteger os parafusos contra a ferrugem, e então por muitos annos, é empregar uma mistura de azeite e graphite.

Bibliotheca magazine popular illustrada

O POETA DA RAINHA

POR

CLEMENCE ROBERT

LISBOA — 1907

O poeta da Rainha

I

A porta do theatro

— Não te esqueça jámais esta predição, minha mulher, o nosso filho William Shakspère nunca prestará para nada.

— Oh! receio-o bem! porque em desobediencia, estouvamento e preguiça, não conheço coisa peior que este rapaz.

— E na aula é ainda mais obstinado e levantado que em casa.

— Jesus! meu Deus! que será d'elle!

— Pelos começos se tiram os fins. William tem já dezeseis annos e não sabe ainda haver-se com qualquer livro de escripturação, nem carregar um navio; mas em compensação faz versos, fuma e bebe, distingue-se nos gloriosos desafios dos bebedores, e já por duas vezes ganhou o premio debaixo da maceira grande de Bedfort. Pódes estar

certa que nunca ha-de trazer nem honra, nem proveito a esta casa. Se elle nasceu mesmo no mez em que os milhanos nascem sobre os rochedos da nossa praia, e hade sempre ser, como elles uma ave indomavel e inutil.

Em quanto o pae e a mãe se occupavam assim agradavelmente do moço William, no armazem de lãs, no que faziam negocio, este estava assentado, perto d'elles, em cima de fardos que, no meio da loja, se amontoavam até ao tecto. Collocado, quasi de costas viradas para esta montanha, com as pernas cruzadas e os cotovellos fincados contra os joelhos e a barba fechada nos punhos, escutava os panegyricos que faziam a seu respeito com a impaciencia dos rapazes mal creados, que consiste em apparentar que não lhes dá abalo as censuras que lhes fazem. Olhava para as negras vigas do tecto e assobiava uma cantiga de caça.

— William, lhe disse o pae, com um tom aspero, é já noite, vou sair por causa de negocios, e tua mãe vae tratar da ceia para os seus oito filhos, que, ainda que mais moços, todos tem mais juizo que tu, e fazem a consolação d'esta casa. Tu, no entanto, toma sentido no armazem, e regista com cuidado os apontamentos que se fizeram de dia.

Dito isto os paes de William sairam, e accrescentaram á recomendação que lhe haviam feito de tomar sentido na loja, a precaução de fecharem a porta á chave, com que elles contavam muito mais.

William, mal ficou só, pegou de um pequeno floco de lã saido dos fardos, e se destrahiu dispicen-

temente a assopral-o, para o ver voar no ar e dançar por cima da cabeça.

— Pobres pedacinhos de lã, disse elle, ligeiros e vagabundos, como vocês iriam brincar nos campos, se os não houvessem encerrado e apertado n'estas vilãs lonas pardas! Tambem a mim me querem encadear e suffocar aqui, ordenaram-me que guardasse o armazem, como se este velho cazarão que tem duzentos annos sobre si, não podesse guardar-se a si mesmo! E se me fecharam a porta á chave, eu sei bem o caminho da janella.

O mancebo trepou acima dos sacos arrimados de encontro á parede, despedaçou com uma punhada o caixilho da janella, saltou de dez pés de alto e achou-se na calçada.

— Até mais ver, meu velho, accrescentou, saudando com a mão o velho edificio; mas será o mais tarde que eu possa.

William estava na rua, logar de luxo e voluptuosidade, de que se gosa ao menos com os olhos. Atravessava por entre as fileiras de lojas, onde brilhavam os corpetes de seda, os capirotes recamados de ouro, onde se mostravam as bellas armas de caça que lembram as corridas longiquas pelas selvas, e as peças de assado e os frascos de vinho que appetece encontrar em roda de nós.

E comtudo, elle mal se detinha diante d'esttes objectos de licita cubiça, e caminhava com a maior celeridade que podia para a extremidade da rua afim de chegar a uma rotunda de madeira, em

torno da qual numerosos lampiões suppriam a claridade do dia que vinha de se extinguir, e isto em quanto uma musica estrepitosa chamava a multidão dos quatro cantos da pequena cidade de Stratford.

Era o theatro da terra.

Até mais ver, meu velho...

Taboas toscas sobrepostas em modo de tabique, formavam todo o material de construcção. No interior viam-se bancos de madeira, velhas tapeçarias, cuias de pinho onde ardia um azeite crasso, e, por theatro, um estrado com um rotulo, que umas vezes dizia *floresta*, outras *praça publica* ou *palacio*,

conforme o sitio em que se passava a scena, o que constituia todos os preparos do espectaculo. E todavia, aqui se representavam os dramas de Marlow e de Middleton, os primeiros escriptores da época, e toda a povoação da cidade corria a vel-os.

Os proprios fidalgos e as nobres damas dos arredores, privados de qualquer divertimento em suas terras, tambem muitas vezes se assentavam nas primeiras bancadas d'este burlesco theatro. William viu de longe chegar um cavalleiro, cuja figura lhe era assás conhecida. O fidalgo entregava-se ao pachorrento passo do seu cavallo baio, e, por sua excessiva gordura, era constrangido a conservar-se sobre elle firme e direito como uma torre. Um gorro de velludo cor de laranja, com pluma de garça, lhe cobria diffilcimente a larga cabeça, e um corpete de setim preto entretecido de palheta de ouro, lhe apertava o corpo e dourava toda esta rotundidade enorme.

Apeou-se, e William, com os modos habituaes de quem desempenhava este mister, pegou da rédea do cavallo para o segurar á porta do theatro.

Era uma profissão que aquelle moço havia tomado de seu moto proprio, e que desempenhava com perserverança. N'este paiz onde as carruagens eram pouco conhecidas e quasi fóra de uso, por causa dos maus caminhos, as pessoas ricas iam ao espectaculo a cavallo; e William guardava-lhes as cavalgaduras durante a representação, afim de ganhar os shellings precisos para pagar uma vez

a entrada no theatro, e ver representar algumas d'aquellas bellas peças que o arrebatavam de admiração.

— Toma bem sentido no meu cavallo, lhe disse o nobre que acabava de se apear. Toma cuidado que não dê nem receba couces, porque, se lhe acontece algum mal, terás mais vergastadas que shellings pelo teu trabalho.

O mancebo não respondeu a estas palavras brutaes, senão com um olhar provocador.

Comtudo, a força e a audacia que se pintavam em seu semblante, deviam fazer presumir que, se ficára silencioso, não fôra por nenhum sentimento de medo, mas unicamente por uma paixão mais forte que o seu ressentimento, que era o desejo imperioso de ganhar o salario que lhe abria a porta do theatro.

Esperando, passava elle todas as noites de pé encostado ao tabique, cujas tabuas mal unidas deixavam chegar até elle alguns sons perdidos dos versos, que retumbavam no interior. E permanecia assim horas inteiras, sem se mover, debaixo de um frio aspero, que o singello gabão de lã que vestia lhe deixava apreciar de uma maneira exacta todos os gráos. Com a orelha collada nas fisgas favoraveis, o espirito em contensão, o coração palpitante, apoderava-se com avidez das palavras destacadas, dos fragmentos de phrase que lhe feriam o ouvido, e procurava por um trabalho ardente de espirito reconstruir a scena toda com os pedaços dispersos; depois, quando descia o pano, quando já

não ouvia mais nada, punha-se a contar o dinheiro, e calculava quantas noites ainda seriam necessarias para gosar da representação de um d'estes dramas que arrebatavam sua alma juvenil ao mundo ideal.

Quadros attractivos, cuja lembrança encantou por tanto tempo os dias da sua vida, e que lhe levaram ao coração sensações doces e terriveis, e lhe povoaram o horisonte de imagens aereas, de personagens grandiosas, de scenas apaixonadas, das quaes a apparição fugaz lhe tornava em extremo insipida a presença dos fardos de lã de seu pae!

N'esta noite, em quanto William permanecia preso a este estado de attenção excessiva, e que, para colher alguma parte do espectaculo, importava quasi desenvolver o dom da dupla vista, um mancebo, sahido da platéa no fim do primeiro acto, se encaminhou direito para elle, e lhe apertou cordialmente a mão. O sorriso que se derramou então pelo semblante a ambos mostrava a satisfação mutua que experimentavam por se verem juntos.

William atou a rédea do cavallo, que lhe tinham confiado a um dos pilares da rotunda, e os dois jovens, dando o braço um ao outro affectuosamente, percorreram em toda a extensão as galerias illuminadas que circumdavam o theatro.

E todavia eram elles de extracção bem differente! Ao lado do fato de sarja que cobria desgraciosamente o filho do mercador de lã, o corpete de escarlata, a balona de rendas, o capirote bordado do outro mancebo, e sobretudo a facilidade

e elegancia com que elle o trazia, evidenciava a distancia social que existia entre um e outro. Mas ambos tinham dezeseis annos, uma alma sensivel e enthusiastica, espirito impetuoso em todos os movimentos de sympathia e repulsão, e um caracter franco, generoso e independente.

Haviam elles travado amisade no espectaculo, onde se tinham encontrado sentados um perto do outro; algumas observações trocadas ácerca das bellezas da peça que se representava, lhes houvera feito conhecer os pontos de conformidade de seu coração, e, diante da similhança da natureza, a differença de classe havia desapparecido.

Wiliam tinha encontrado em Henrique, fillho do nobre conde de Southampton, uma cordialdade mais franca, uma benevolencia mais affectuosa, que em os negociantes da sua classe, que se prevaleciam de alguns haveres de mais para assumirem ares de superioridade com elle.

Henrique encontrára no moço guardador de cavallos idéas mais largas, mais luminosas, que na roda onde elle vivia, communicações mais sympathicas e mais rasoaveis que no castello fortificado, blasonado e ameado de seu pae. Encontrára principalmente n'elle um confidente que comprehendia seus devanêos juvenis, todos amor e poesia, e que comprehendendo-se, os exaltava ainda. Deste modo, sem sequer o pensarem, haviam chegado ao grão da mais estreita amisade.

— Então amigo; que temos de novo a teu respeito? perguntou Henrique.

— Nada de novo, e, por conseguinte, nada de bom. A férula do magister é sempre pesada, e os sermões de meu pae continuam a ser longos.

— E a tua resistencia á sua vontade tambem sempre obstinada?

— Que queres tu, Henrique? Ha um extincto de conservação que nos obriga a defender a vida, e do mesmo modo outro instincto parecido nos instiga a defender nossa alma. Querem apagar em mim toda a idéa e sentimento, para me encher de calculos desde a cabeça até ao coração, e tornar-me similhante a um livro de escripturação, onde se não encontram senão algarismos em todas as paginas, e eu jurei pelo céo que não havia de succeder assim.

— Mas tu és o mais forte, pobre William!

— É verdade; e esperando, sinto-me aborrecido cruelmente, estou já bem desgostoso da vida. Quando passo alguns momentos satisfeito, é á noite. Leio até muito tarde, antes de me deitar, depois, metto os meus livros de poesia debaixo do travesseiro: parece-me que a sua proximidade me faz bem; que o seu espirito se infiltra no meu cerebro. Sonho em versos; tenho visões encantadoras, acho-me em plenos campos; atravesso os montes e os bosques; respiro o ar embalsamado; é a primavera que me enebria. Vejo sobre as collinas as flores mais viçosas do anno; nas alturas a morada dos seculos derrocada; e por cima d'isto tudo o sol eterno que une na mesma onda de ouro os dois confins das edades. . . Mas afinal descerro os olhos. . . Ai de mim! Esse sol, que eu via em sonhos,

era apenas a candeia que minha mãe me trazia para eu me levantar antes de amanhecer e ir entregar-me á obrigação!. . .

— E tudo se desvanece.

— Oh! não!. . . Depois de levantado, continuam os meus sonhos. Eu penso que se isto dura, poderei facilmente fugir de Stratford, viajar, correr mundo e deparar algumas das alegrias que tenho sonhado. Mas, em todo o caso, a chave dos campos abre um cofre em que se encontra sempre a mais bella peça de ouro, a liberdade.

— É uma idéa audaz, mas não má.

— E tu Henrique?

— Eu. . . continuo do mesmo modo a minha educação de fidalgo Minha irmã, que tem mais alguns annos do que eu, dá-me lições de heraldica, em quanto arranja laços de fita; minha avó ensina-me todos os jogos de cartas que se jogavam na côrte de Henrique VIII; e meu pae instrue me na bella arte da caça, os cães, os falcões e eu tomamos lição todos juntamente. No entanto, como tu, acho-me triste e bem fatigado da existencia que levo; e quando tu houveres essa chave dos campos, se tu m'os poderes abrir. . .

— Oh! Henrique, se nós nos podessemos livrar das nossas cadêas, partir juntos, e divagar por toda a parte como os cavalleiros da Tavola redonda?. . .

— Como seriamos felizes! Nada mais de palacios bulorentos e mezas de jogo. Nada da contas a tomar nem brazões a decifrar! Não fariamos senão

viver e gosar á nossa escolha e á nossa vontade.

— Viajar por bellos paizes, e em cada dia um sitio novo, e a terra toda para divagar!

— E encontrar por toda a parte essas nobres aventuras que o céo envia aos homens de coração e de coragem, esses acontecimentos semeados pelas estradas, pelos castellos, pelos mosteiros, pelas pousadas!

— Sim; mas ahi era indispensavel pagar por nós e pelos cavallos.

— Qual! Fariamos dividas como os meus dois tios, que teem mais credores que bordados nos vestidos.

— Isso era impossivel, porque então não seriamos já filhos do conde de Southampton e de um mercador de lã que goza de algum credito, mas uns valdevinos, adeptos da liberdade, e esses titulos não gosam de reputação para com os locandeiros. Porém, mesmo viajando, encontraremos de certo algum meio de ganhar a vida.

— Oh! sem duvida! Por exemplo, tu declamavas versos nas praças das cidades, e eu tocaria a corneta para attrahir os viandantes, ou então iriamos caçar ás furtadellas nas coutadas e depois vendiamos a caça por bom preço.

— Nada, nada d'isso te convém, a ti, Henrique, que nasceste fidalgo e conde, tu appareceste n'este mundo para o embellezar e illustrar, e de modo algum para comprares a existencia por similhante trabalho. Quanto a mim, isso é diferente; eu fui feito para trabalhar, eu proverei cada dia

ás nossas necessidades, e todas as tarefas se darão comigo, comtanto que eu tire lucros para ti.

-- Mas a partilha não seria igual.

— Deixa-te d'isso, meu querido Henrique, eu trabalharia para ti, e tu serias ditoso por mim.

— Ora!. . . Isso não são senão chimeras!

— Talvez.

— Ao menos pensamos n'essas coisas todas e fallaremos ainda n'ellas aqui ámanhã á noite. . . Mas olha lá; está a tocar a campainha que annuncia o levantar do panno. Vamos dar a guardar o cavallo de lord Clarisson ao meu criado, e empresto-te dinheiro para entrares no theatro comigo.

— Isso é uma pechincha. Mas, dize-me lá, sabes-me dizer o nome de uma linda menina loura, vestida com um vestido azul guarnecido de branco, e uma coifa similhante, que veiu á ultima representação.

— Se posso! Essa bella donzella é minha irmã, que chegou de Londres, e de quem te fallei ha pouco. Meu pae trouxe-a hoje ao espectaculo, e tu vaes vel-a ainda com a mesma coifa, que ella põe com affectação, porque, em sua ingenuidade, trata de lhe dar as formas de uma corôa. É afilhada da nossa rainha Isabel, e tem o mesmo nome; e em vez de renunciar a Satanaz nas aguas do baptismo, fez pacto, segundo creio, n'essa occasião com o demonio do orgulho. Has-de ver perto d'ella o barão Clarisson que a pediu em casamento. Ella hesita em esposal-o por em quanto porque a gordura que o entorpece, não se lhe

afigura extremamente aristrocatica. Mas sáia elle duque e par, como ha de succeder bem depressa, que eu te asseguro que ella não o repulsará já, e poderá elle então collocar no seu escudo de armas as primeiras armas de Inglaterra, e a altiva Isabel porá sua mão na garra do leopardo.

Os dois mancebos entraram na platéa. Henrique de Southampton assentou-se na primeira bancada, onde estavam já seu pae, sua irmã, e lord Clarisson junto d'esta. William assentou-se não muito longe d'elles, n'um canto escuro, d'onde observava com attenção da curiosidade o grupo fidalgo, e escutava o que diziam.

Lord Southampton era um agradavel velho, nas feições divisava-se-lhe a expressão de serenidade, e doçura com que a alvura dos cabellos se allia tão bem. N'estes tempos de dissensões e luctas politicas em que vivia, não tinha elle senão uma opinião e um systema, que se reduzia a desejar que todos fossem venturosos; e elle começava por derramar todas as doçuras que continha em si sobre a sua familia e seus numerosos vassallos.

Os dois filhos do conde de Southampton pareciam-se nos lineamentos, posto que o rosto de Isabel fosse mais regular que o do irmão, mas a expressão da physionomia era completamente opposta. A joven *miss* erguia sobre a fronte uma altivez, uma firmeza immutavel e tingia, aquella tinta de tristeza pensativa que derrama, ordinariamente a ambição. A côr clara dos cabellos, a brancura baça da tez, juntas á extrema pureza de linhas de seu rosto, davam a lembrar o que quer que

era de uma estatua da divindade, marmore insensivel e frio, que não participa da vida senão a belleza e a magestade. A figura de Henrique, pelo contrario, era cheia de mobilidade e expanção, e possuia um fundo de sensibilidade e ternura ineffavel, que a natureza parecia haver recusado ás feições da irmã para o conceder ao irmão.

O barão Clarisson, espairecido, apparatoso, perfumado, tinha uma cara espessa, que, sem carecer de animação e intelligencia, exprimia principalmente a sensualidade e todos os indicativos que revelam as tendencias para a voluptuosidade material. A sombranceria arrogante que patenteava em todas as suas maneiras, combinada com o sensualismo aspirante a todos os gozos terrestres, parecia fazer da enorme corpulencia d'este senhor a manifestação do amplo logar que elle pretendia tomar no mundo.

N'este momento se occupava elle um pouco de *miss* Southampton, de que se reputava o namorado, algum tanto de espectaculo que o prendia até um certo ponto, e muito da succulenta ceia que havia determinado, composta de papa-figos gordos e apurados que iam cair do céo sobre a sua meza.

Mal que Henrique entrara, *miss* Southampton, volvendo os olhos para o lado de seu pae, sem se dar ao incommodo de desarranjar a sua bella cabeça sobre o seu collo de alabastro, disse com uma voz lenta e um tom frio:

— Meu pae, permittiu a Henrique s ir no intervallo, e estou certa de que elle foi ter com esse rapazinho plebeu com quem travou conhecimento.

— Que mal vae n'isso? replicou lord Southampton, é bom que comece cedo a conhecer os homens, e convém que os veja de perto entre todas as classes.

— Porém, meu pae, observou a donzella, visto que essa gente do povo não é da mesma especie que nós, a communicação com um rapazito mercador de lãs, não póde ensinar a Henrique a conhecer os homens

A esta logica irresistivel, assente sobre os principios admittidos pela nobreza, o velho conde calou-se; e lord Clarisson accrescentou á observação que acabava de ser feita:

— Miss Isabel tem razão, o baixo povo é uma horda de selvagens d'onde não se póde tirar nada senão o fedor de cachimbo de seus modos, e onde a nossa presença nada póde levar de favoravel, por que os individuos que a compõem não são aptos para imitarem nossos exemplos.

William, sempre no seu canto escuro, levou n'este momento a mão ao coração que sentiu frio de gelo, era a raiva que o senhoreava, raiva a esse gordo barão, que não queria ter nada com elle, senão as vargastadas com que o havia ameaçado.

Até então, não sentira elle senão a tristeza e privações de uma condição obscura, mas este momento fez-lhe conhecer a humilhação. As palavras de miss Southampton acabavam de lhe mostrar o desdem da nobreza a respeito das classes inferiores, e o feriram com o duplicado aguilhão da dôr e da colera.

E comtudo, elle não podia arredar os olhos

d'aquella resplandecente belleza, elle contemplava em todas as suas perfeições uma formosura que seus instinctos de artista o instigavam forçosamente a apreciar.

Esta belleza possuia effectivamente a regularidade e o esplendor que, pelo mais elevado grau da perfeição humana, a approximavam da divindade, e poderiam legitimar, até certo ponto, a louca pretenção d'aquella, que os tinha recebido em partilha, de se crêr de uma natureza superior, se fosse em seus dotes pessoaes e não nos auspicios do nascimento e da fortuna que estribasse o seu orgulho.

William, já por organisação enthusiastica e apaixonado, sentiu-se attrair para ella por um poder secreto; pareceu-lhe que não detestava tanto esta mulher senão porque ella, com as suas palavras arrogantes, impedira de a amar. Mas sentia como uma especie de satisfação, que, se era pela raiva e não pela adoração que estava ligado a ella, não a esquecceria todavia jámais. Além de que, ella era irmã de Henrique, d'aquelle coração de mancebo tão terno, tão affectuoso com elle. Depois que ouvira como entre aquellas pessoas elevadas se fallava do pequeno mercador de lãs, a amisade do moço conde pareceu um heroismo admiravel, e lhe consagrou em sua alma um reconhecimento eterno.

Porém, o espectaculo começou, e tudo cedeu diante d'este attractivo poderoso, o espirito de William voou para a scena.

Representava-se n'esta noite o *Tamerlão* de Marlow, e o mancebo de dezeseis annos sabia já comprehender o poder do escriptor dramatico que, divisando no passado e no mundo vivo um grande e notavel destino, soube desassombral-o das trevas que o obscureciam, e dos successos secundarios que o escondiam, e collocal-o n'uma atmosphera luminosa que deixasse ver suas feições imponentes, com as altas lições e immutaveis verdades que encerra.

Só Deus póde crear pensava o joven Shakspère; mas os poetas descobrem essas creações; dissipam a poeira que o tropel do mundo alevanta até

Até amanhã

ellas, e as mostram resplandecentes aos olhos de todos . . . Quem me dera ser poeta!

O panno tinha descido, e ainda William permanecia sob o imperio d'estas poderosas impressões. O movimento da sala veio-o advertir de que devia sair.

Á porta da saida, no instante em que a multidão era mais compacta, sentiu a mão de Henrique apertar-lhe a sua, e dizer-lhe em voz baixa:

— Até ámanhã.

Mas este ámanhã, como todos que devem trazer alguma alegria, ia de certo fazer-se esperar bem arrastadamente.

II

A casa paternal

William voltava a passos lentos pela estirada e sombria rua que levava a sua casa, a vibração dos versos, que elle acabava de ouvir, resoava ainda bem fortemente n'elle, e o absorvia completamente, mas de repente, quando se viu debaixo da sombra do grande edificio que formava o armazem de lã, tornou-se o triste caixeiro d'esta loja, e o medo tomou-o pelas consequencias que poderia ter a sua evasão nocturna.

A sua maior preoccupação foi então tratar de saber o como lograria entrar na casa sem accordar seu pae, para não ser recebido á porta pelos

bofetões e pontapés, que constituiam a parte essencial da educação da familia, o que era assás difficil depois da maneira ousada por que elle saira.

Na verdade, era bem triste a residencia do mercador de lãs de Stratford, e a mais ligeira vista, relanciada pelo interior, faria perceber a repugnancia que um rapaz de dezeseis annos deveria experimentar na presença d'esta morada.

Um casarão de que o tempo havia ennegrecido e carcomido as traves, servia de armazem, e na sua vasta extensão parecia poder recolher toda a lã engordorada e nauseabunda que desembarcava do rio proximo.

Á parede d'este estava encostada uma parte do edificio dividida em duas casas, uma d'estas casas guardava os livros de escripturação, o escriptorio e o proprio mercador, calculando seus haveres com os olhos pregados no registro, e os cuidados na fronte, e a segunda os utensilios do arranjo domestico, os leitos de todos os tamanhos para creanças de differentes edades, e a boa mistress habituada a preparar a toda a hora a comida para os badamecos que fervilhavam em roda da gamella maternal. Em cima viam-se varias trapeiras occupadas pela criada velha e os filhos mais crescidos.

Em frente da casa vegetava um pequeno quintal, no qual a parcimonia tinha ajuntado as hortaliças mais indispensaveis á casa e menos agradaveis á vista, e cuja incuria de cultura lhe tirava ainda em cima a graça que naturalmente ostentam os productos mais pobres da natureza. Este pequeno re-

cinto era limitado pelo caes, cujo amontoamento de objectos do trafego quotidiano se erguia tão alto que vedava a vista, e formava uma muralha de madeiros e fardos de mercadorias de todo o genero, atraz da qual se ouviam bramir as ondas do Avon.

Para tornar esta habitação ainda mais taciturna, do outro lado do edificio existia um logar que a superstição do paiz havia fulminado de anáthema.

Era uma cisterna de agua ludosa, com a pedra coberta de relva, situada entre duas immensas arvores seccas desde muitos annos, mas cujos esqueletos permaneciam ainda erguidos, refletindo se nas aguas negras.

N'outros tempos este tanque era verdejante e fresco, vinham ahi, de todos os logares, buscar agua limpida, e raras eram as vezes que se não encontravam, encostados á borda, grupos da mocidade de Stratford questionando ácerca das noticias do dia.

Mas (teriam decorrido então vinte annos) em uma noite de inverno, no instante em que dava meia-noite, aconteceu nascer na cidade uma creança com os pés redondos e rachados como aquelles que a tradição dá a Satanaz, e no mais de tal modo deforme e medonho, que os paes se decidiram a expôl-o na borda d'esta cisterna, tendo comtudo o cuidado de ficar a alguma distancia para ver o que succederia.

Ao cabo de dez minutos, o recem-nascido havia desapparecido, sem que se visse ninguem passar por aquelle caminho.

Acreditou-se que o demonio, encontrando esta creaturinha feita á sua imagem, a roubára, afim de a adoptar e educar nas suas leis.

Esta aventura espalhou se vagamente na cidade, sem que se soubesse o nome dos individuos que tinham dado ao mundo e abandonado a creança. Mas desde esta época, reputaram a agua da cisterna envenenada, e não levavam nem os rebanhos a beber lá, antes os viandantes se affastavam d'ella com susto

Comtudo, por mais que o desgostasse a habitação onde havia nascido, o maior desejo de William n'esta noite era ahi entrar, e ahi já se achar pela manhã, sem que dessem pela sua ausencia.

Toda a questão se resumia em saber, se a creada, que protegia ordinariamente as suas escapadellas, estaria ou não ainda levantada. Felizmente enxergou a claridade da candeia, que alumiava o quarto da governanta, bruxeliando nos vidros da janella.

Esta luz foi a sua estrella propicia. Arremessou um sexosinho á vidraça, e a este signal, a sua protectora veiu abrir o fecho da janella, e elle conseguiu entrar para dentro sem transtorno.

Apesar, porém, d'esta apreciavel ventura, dormiu a somno solto, e sobresaltado pelas sensações da vespera, salteado de vagos terrores e novas perturbações. Mal conseguia adormecer era logo accordado pelo temor, pois presentia que a sua ultima desobediencia, ainda que similhante a todas as outras, teria funestas consequencias.

Pela manhã, quando se dispunha a sahir cedo

para ir para a escola, achou a porta fechada por fóra. Havia sido julgado sem processo, ao que parecia. Ao cabo de alguns instantes, ouviu tocar a campainha do almoço, e julgou que viriam libertal-o para elle poder responder a este chamamento, conforme desejava vivamente, mas nada confirmou esta esperança.

Unicamente, ao meio dia, subiu seu pae ao quarto, e lhe declarou que, para recompensar a sua evasão, permaneceria quinze dias recluso na sua alcôva.

Depois o velho mercador pôz um pão de rala de arrate e uma infusa de agua diante da janella de grades da pobre trapeira, que não carecia de outros accessorios para ser tranformada em prisão.

William, sem dar respósta, assentou-se estoicamente n'uma ponta do seu enxergão, e pondo sempre a sua vingança em não dar mostras dos máus tratamentos que lhe infligiam, abriu um livro e se poz a ler durante as violentas admonitorias que seu pae julgou dever pronunciar em seguida á sentença que acabára de proferir.

O mancebo prehencheu o tempo de prisão com todo o rigor, e estes quinze dias decidiram do resto da sua vida. Os instinctos poeticos que a natureza derrama caprichosamente em alguns entes, tanto debaixo da veste de saragoça como do gibão de seda, e de que William era dotado com mão pródiga, desenvolveram-se em summo gráu na sua triste soledade

Elle lia os seus poetas predilectos todo o dia e parte da noite, graças á claridade da lua que se levantava todas as tardes mesmo em frente da sua janellinha, e tambem escrevia tudo o que se lhe revolvia na mente, onde as imagens e os pensamentos manavam a jorros.

Bem pensado, estimava elle mais esta reclusão a pão e agua, do que a escravidão mais dura ainda da sua existencia habitual.

O trabalho que elle fazia todas as manhãs era realmente repugnantissimo para o pobre William, levava o dia a marcar fardos, a arrumar saccas de lã, a ser em fim o criado do armazem. E seus paes accumulavam sobre elle estas occupações penosas, por se comprazerem de o confranger á vulgaridade do seu pensar e do seu modo de vida, e isto não por dureza de coração, ou proposito reservado de o opprimirem, mas afim de o obrigar a ser seu egual e não lhe deixar desenvolver a superioridade intellectual de que o suppunham culpado para com elles.

Malaventurado o genio que brota entre seres nulos e communs! Vive solitario no meio dos seus, e a timidez que adquire no seio das sensuras, e o depreciamento continuo d'aquelles que o não comprehendem, prende-lhe por largo tempo os vôos, e contrista toda a sua existencia!

N'alguns momentos de repouso, William accendia o cachimbo, e sentava-se no peitoril da janella, que era fechada com uma grade, precaução que seus paes haviam tido por necessaria, por

que o mancebo, muitas vezes fechado á chave, e instigado pelo desejo de achar-se no ponto de reunião debaixo da maceira grande de Bedfort, ou no theatro, havia tomado o costume de tomar a janella por porta de saida.

D'este ponto descobria o prisioneiro o rio Avon e o mercado estabelecido em suas margens. Via as suas formosas aguas, ladeadas de salgueiros, offerecendo á vista unicamente o aspecto de uma grande estrada aberta ao commercio pelo impulso de numerosos barcos que a sulcavam; distinguia a maior parte dos negociantes assentados na cortina do caes, conversando entre si da abundancia das mercadorias e da variação dos preços, unico interesse da sua existencia.

— Ali teem o que eu hei de vir a ser, exclamava elle, uma coisa similhante áquelles homens, gordos mercadores de bonets de lontra; uma machina de trazer mercadorias chegada ao rio para as espalhar na cidade, que não tem communicação com os outros homens senão na troca de valores, e para a qual a linguagem humana se resume em duas palavras: *trabalho e proveito.*

— Oh! não, mil vezes não! proseguia elle, atirando com o cachimbo ao chão e quebrando-o em pedaços, antes morrer tão depressa como esta faisca, que não fez senão brilhar um instante, diffundir alguns perfumes e extinguir-se!

E depois volvia com mais ancia a seus livros.

Durante quinze dias encerrado entre quatro paredes, quasi privado de alimento, na edade em

que o corpo, em plena seiva, tanto necessita de nutrição e espaço, a imaginação enfebrecia-lhe e povoa-se-lhe de extaticos devaneios.

Já não era a admiração e o enthusiasmo que lhe inspiravam os longos poemas de Marlow de Sord, de Webster, de Bobert Green, era uma especie de delirio que se lhe apoderava do cerebro. Os personagens d'estes dramas viviam realmente para elle, entretinha-se com elles; identificava-se com o seu destinno. Ás paixões e ás angustias ficticias d'estes entes imaginarios, correspondia elle com verdadeiros impetos, e verdadeiras lagrimas.

O pobre moço na sua trapeira fechado á chave, com o seu tabardo de sarja, seu cinto de couro, não tendo por adorno nem mesmo a flor da mocidade, que só desabrocha na atmosphera da felicidade, vivia, fraternisava com os grandes personagens, com os heroes, com os deuses.

O influxo do mez de março actuava na terra, que começava de abrir seus thesouros. As moutas dos arredores e as florinhas aromaticas verdejavam, o mancebo sentia chegarem-lhe á janella as lufadas dos ares da primavera que nos trazem a vertigem de ir correr os campos.

Cubiçava então a liberdade, e prelibava as doçuras da natureza; apoderava-se das suas riquezas, disparsindo-as pelos versos que escrevia durante estes dias de captiveiro, nas margens da grammatica e dos themas latinos,[1] poesia que rescendia os

[1] Vejam-se os *Sonetos e poesias varias* de Shakspeer.

encantos da paisagem, porque o auctor a antevia em sua mente, onde se desenrolava e refloria ainda melhor que sobre a terra.

E William jurava conquistar a todo o custo a poesia e a liberdade.

A duas leguas de Stratford, por entre os macissos de velhos salgueiraes que se abraçavam sobre as margens do Avon, estava situado o castello aguerrido que occupava o conde de Southampton e sua familia.

Este sombrio edificio, de uma architectura feudal, datava do tempo em que os senhores do territorio só pensavam em defender a pessoa e bens em suas moradas, sem conceberem ainda a pretenção de embellezarem a existencia. Tudo ahi era apparelhado para a solidez e armamento das muralhas, tornadas inuteis e de nenhum prestimo para as doçuras de conforto e regalo dos olhos.

O governo da casa era confiado inteiramente á mãe de lord Southampton, a quem este, bom e terno a ponto de degenerar em fraco, tinha deixado assumir uma abusiva auctoridade. Os uzos e genero de vida eram tão antigos como o proprio edificio, sob a direcção da viuva, que imprimia o cunho da sua edade em tudo que a rodeava.

As armações interiores do castello, as horas de refeição, os assumptos de conversação, o ceremonial imposto ás mais insignificantes cousas, o uzo de tocar a trompa á hora de levantar e de deitar e á chegada de qualquer estrangeiro, tudo tinha oitenta annos como a belleza da castellã.

Era lá que o moço Henrique contava tristemente as horas que o separaram do seu querido William, que de repente havia deixado de encontrar á porta do theatro de Stratford, e que excogitava os modos de se escapullir só do castello, para ir procurar o seu amigo á residencia do mercador de lãs.

O joven conde tinha-se ligado a William com o verdadeiro ardor que traz a amizade, quando ainda se não conheceu outro sentimento, e por muito mais rasão, n'estes casos, visto que se via privado, na intimidade da sua familia, de todas as consolações affectuosas.

A velha lady applicava principalmente a sua mania em educar, formar, e vestir a seu modo o moço Henrique que, dotado de um genio mais docil que sua irmã, permittia melhor que se apoderassem d'elle e o tornassem um boneco para uso da velhice, como a avó o conhecêra creança, era como creança que o tratava sempre. Como todos os velhos, não tinha ella por cousa nenhuma o tempo que desaloja o tino das cabeças octagenarias e o leva para aquellas que lhe vão succedendo.

Ella impunha suas vontades ao neto que já sabia muito mais que ella em differentes cousas, e posto que elle devesse dentro em pouco vir a ser rico e poderoso, não lhe deixava no bolso nem uma corôa, nem o menor meio para se ir formando segundo a auctoridade que havia de exercer um dia, regrava-lhe cada hora da sua vida,

cada parte do seu vestuario, e desvanecia-se de o ver adornado como seus antigos adoradores da côrte de Henrique VIII.

O mancebo, doce e fraco, vingava-se unicamente d'estas pequenas tyrannias, tratando por velho tonto um cabelleireiro contemporaneo da avó, mas no seu interior soffria e impacientava-se em extremo.

É nos tempos da juventude, n'estes tempos que appelidam sempre *edade feliz*, que os pezares mais crueis nos attribulam, e que o despotismo da familia, e as tolices da educação ignorante, nos encontram sem defeza, em quanto que as tribulações que sobreveem depois podemos oppor-lhes a força e a liberdade.

Henrique era muitas vezes arrastado a ir procurar distracções intimas e doces desabafos junto de sua irmã.

Mas a differença de genio erguia entre os dois uma barreira insuperavel.

Quando elle desenrolava o quadro de tudo que lhe inflamava a imaginação, quando fallava de poesia, de amor, de viagens longinquas, Izabel continuava a contar os fios da talagarça em que bordava brazões, e nem dava mostras de ter ouvido o que elle dizia, se não por um sorriso de desdem. E quando pela sua vez, com o olhar fulgurante de ardor ambicioso, ella fallava de titulos, de corôas senhoriaes, de vastos dominios, de estandartes soberanos, era então elle que a encarava com olhos inintelligentes e frios, e que nem encontrava uma resposta para lhe dar.

N'estas horas, sobretudo, os dias arrastavam-se bem pesadamente no castello de Southampton. O conde era constantemente retido fóra pelo governo de suas terras, cujos trabalhos de amanho redobravam pela primavera, Izabel permanecia no seu aposento, occupada com a correspondencia relativa a um negocio mysterioso que tratava na côrte, a mudança de estação prolongava os accessos gottosos da velha lady e allongava, em proporção similhante, as partidas de jogo com seu neto, as chuvas continuadas que formam a primavera da nevoenta Inglaterra, affastavam todo o estranho do castello, de que resultava o silencio e a solidão, unicamente quebrada pela presença do vetusto cabelleireiro na sala grande, onde Henrique jogava todo o dia com a avó.

O pobre rapaz baralhava, cortava e dava cartas, até que a sua cabeça loura e juvenil tombava adormecida na mesa de jogo. Então sonhava que montava com William um cavallo allado, que os transportava ambos para as nuvens.

Um dia, proximo ao lago Cummor, entre a cidade Stratford e as terras de Southampton, dois mancebos se encontraram e se deitaram nos braços um do outro com effusão de lagrimas e de ternura.

— William!

— Henrique!

Estas duas palavras trocaram-se ao mesmo tempo.

O flho do mercador de lã acabára de concluir os quinze dias do seu captiveiro, e o moço conde

tinha-se podido escapar da sua prisão blasonada.

O primeiro uso da sua liberdade fôra procurarem-se mutuamente, e haviam-se encontrado a meio caminho.

Era a primeira vez que um similhante abraço os reunia. Até então, a differença de classe occultava a sua amisade a seus proprios olhos, mas n'este momento as magoas que os affligiam a ambos tornaram-nos mais expansivos.

— William
— Henrique.

Assentaram-se debaixo de um grupo de ébanos floridos erguidos no meio do prado, e a lim-

pidez do lago reflecttia este gracioso conjunto de arvores e de amigos.

O projecto de fugirem juntos do condado de Warwick, que tinham traçado na sua ultima entrevista, como quem levanta castellos no ar, havia progredido na sua soledade, e tomado proporções mais determinadas. N'esta occasião fixaram-no com toda a audacia e confiança da sua edade. Decidiu-se entre os dois refractarios que n'essa mesma noite se encontrariam na rotunda do theatro, e que, logo ao começar do espectaculo, se poriam a caminho montados no cavallo de Henrique.

A escolha d'esta conjunctura dava-lhes o avanço do tempo da representação toda, durante a qual se não lembrariam de certo d'elles, e teriam por esta fórma as horas precisas para atravessarem os arredores de Stratford, onde eram conhecidos, pela força da noite, que os encobriria aos olhos dos curiosos.

Este plano de creanças não era tão extravagante como poderá parecer.

N'esta época, as estradas reaes e as portas das cidades não eram submettidas a uma policia assás vigilante, e conseguia cada um subtrair-se facilmente ás investigações da auctoridade.

O exemplo ainda recente dos cavalleiros errantes revestia de uma especie de heroismo as viajens aventurosas: a hospitalidade, sempre mantida, offerecia gasalhado em toda a parte; e se outro qualquer recurso vinha a faltar, a facilidade que qualquer tinha de se assallariar, como soldado,

debaixo do primeiro balsão senhorial, proporcionava igualmente meios de existencia.

William esperou pela noite com uma alegria misturada de um apêrto de coração inexplicavel. N'esta alma de rapaz, já tão elevada todavia, havia logar para todas as impressões: se a altivez e o amor da independencia o dominavam a ponto de o fazerem abraçar uma vida errante sem eira nem beira, só com a esperança de compor versos á sua vontade e de dormir debaixo da abobada celeste, sentia-se comtudo unido á casa paterna por laços intimos que era doloroso quebrar.

Dentro d'aquellas paredes não havia elle experimentado senão desgostos, mas os nomes só de *pae* e *mãe* lhe accordavam no peito uma nota do concerto harmonioso da familia, e sentia então o quanto, se houvera nascido debaixo de tectos onde reinasse esta harmonia, saberia gosar d'estas doces alegrias, e com que amor as retribuiria!

Elle poucos aprestos tinha que fazer para a partida: um fato novo, alguns livros e diversas armas resumiam tudo que possuia no mundo, o fato, vestiu-o e os livros e as armas metteu-as n'uma bolça de caça, e poz-se a caminho para o sitio aprazado.

Henrique, menos amadurecido de caracter, não ligava nenhuma solemnidade á sua partida do castello, e só encarava aquella fugida como uma viagem cuja licença elle concedia a si mesmo; pelo que tratou de se fornecer dos recursos que lhe poderiam tornar os primeiros dias da jornada mais agradaveis.

Modas

Estação de verão

Ao inaugurarmos esta secção não é nosso intento espraiar-nos em divagações sobre assumpto tão debatido e encarado sob tantos e tão variados aspectos. Procuraremos tão sómente informar as nossas gentis leitoras das constantes e caprichosas evoluções da moda, pondo-as ao corrente de todas as novidades dos grandes centros da elegancia e do bom tom.

Assim, principiaremos por dar uma nota dos tecidos que a moda nos apresenta para a proxima estação calmosa e das guarnições adequadas para os enfeitar. São elles variadissimos, mas os de algodão voltaram mais uma vez a ter a preferencia.

A par de fazendas em todas as côres da moda figura enorme profusão de tecidos ás riscas e aos quadradinhos, de genero inglez, muito proprio para a confecção de costumes *tailleur* e *trolleur*. Tambem se usam as fazendas de grandes quadrados e as brancas listradas de côr, em seda, com que se farão lindos vestidos, mas, principalmente, *blouses* do mais fino gosto.

As rosetas bordadas ou *ajourés* são os enfeites que melhor ficam n'estas confecções, podendo com ellas formar-se agradaveis combinações, para o que devem escolher-se duas côres de destaque: preto e verde, preto e azul sobre fundo branco ou ainda simplesmente o branco sobre fundo de côr.

Para os costumes de praias e *sport* empregam-se os *piquès* inglezes, que se enfeitam com *toile* de côr ás riscas' ponteados ou com applicações de *soutache* branca.

Poder-se-ha obter um modelo da maior originalidade em *toile* azul-gris-

Toilette ultima moda em *voile* ou *toile* de seda azul *gobelin*. Corpo em forma de blouse com cavas largas e hombros descaidos franzidos, apanhados por *pattes* da mesma fazenda. Tiras de taffetá preto com rosetas brancas e cinto de taffetá preto. Mangas de renda de Irlanda e encaixe de linon com renda saia de seis pannos

clair, aos quadrados com jaquetinha da mesma fazenda, de côr framboeza, e não será menos original se a saia fôr em *toile* branco, pespontado a azul, e o bolero de *toile* azul, com applicações de *soutache* branca.

A ultima palavra da moda são, porém, os boleros largos, cobertos de bordados de phantasia, junto a saia em panno ou

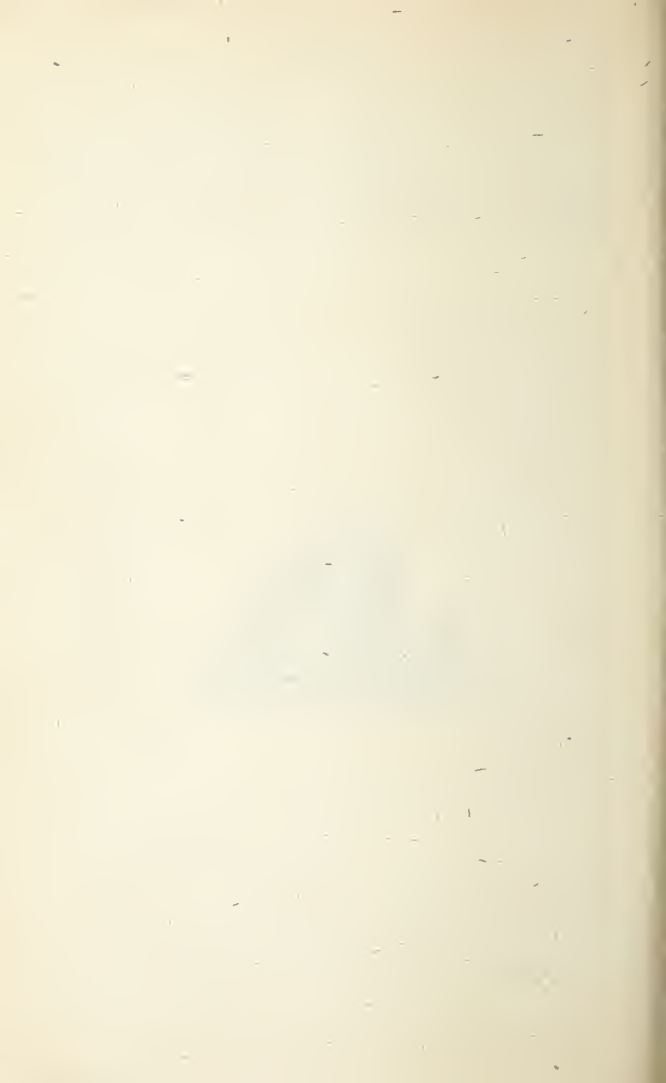
Vestido de menina em *voile* ornado de taffetá ás pintinhas. Cinto similhante. Saia em pregas. Peitilho e mangas em *batiste* com pintas bordadas e entremeios de renda.

alpaca, ou então costumes completo em alpaca, devendo preferir-se n'este caso, o bolero estylo Luiz XV. Entre as guarnições para estes vestidos aconselharemos os galões bordados com cedão, com pequenos

laços e que podem ser em branco,*gris*, *beige*, verde velho, *electrique*, ou n'outras côres modernas, comtanto que digam bem na côr do vestido. De muito effeito e ainda pouco vulgares são os colletinhos dos boleros, bordados sobre setim duqueza ou taffetá que, por serem de magnifico effeito, facilitam extraordinariamente a confecção d'um vestido elegante. Não devemos esquecer tambem os bordados japonezes, principalmente os de desenhos orientaes ou slavos que, pelo seu rico colorido, dão um encanto particular aos vestidos lisos. Para as toilletes *beiges de toile* ou de seda grega usam-se bordados em branco-cru, da mesma qualidade.

Os tecidos vaporosos continuam no primeiro plano do palco da moda, desempenhando um dos principaes papeis as *batistes* com desenhos simples á riscas, ás pintas, aos quadrados ou em redondo. De melhor gosto e de maior novidade são, porém, as *batistes* brancas com desenhos leves, formando, sobre fundo branco, pequenas corôas de folhagem verde-pulido, com bagas e florinhas, encontrando-se tambem padrões em branco e verde e outros com combinação de côres: *gris* e branco, lilás e branco, azul *gobelin* e branco. Não são menos lindas as *batistes* riscadas e aos quadradinhos, cortadas por finos arrendados, ou as bordadas á ingleza.

Para terminar, lembraremos que, da grande variedade de tecidos ligeiros em phantasia, os mais em moda são as *marquisettes*, os deliciosos *voiles* de genero *etamine*, as *cristalines*, as sedas *shantung* e os *foulards*. Tornam-se especialmente recommendaveis

os *foulards* de pintinhas com barras de pintas mais grossas que, dispensando enfeites, são das mais alegres e mais chics. Offerecem ainda a vantagem da largura, que varia entre 1,^{m}10 e 1,^{m}40, o que representa uma grande economia de fazenda e de trabalho

Revista theatral

Está no fim a temporada normal; as companhias permanentes dão as suas ultimas representações; formam-se grupos heterogeneos para explorar a época de verão na capital e na provincia, e a época de inverno no Brazil.

Fechou D. Maria, que vae destacar artistas para a Trindade; esta entrou na agonia com logares a 5o p. c. e um animatographo de reforço; em D. Amelia)erdem-se os ultimos garganteios de Pilar Marti; no Gymnasio *O cão e o gato*, n'uma fraternidade ines)erada, dão o ultimo ladrido e o derradeiro *miau*: Principe Real continúa a gritar *O' da guarda!*, ccudindo-lhe toda a gente; a rua dos Condes preara uma parodia para reabertura; o Avenida vae xplorar a magica; para um dos Colyseus vae uma ompanhia italiana, de operetta, para o outro um upo de variedades.

O amor do publico á zarzuella parece ter augmendo nos ultimos dias, desde a estreia de certa Luiza ibal, argentina de nação, que nos appareceu no *n Juan de Luz*. Canta bem? nem por isso; represita bem? tambem não; então por que é o exito? rguntarão. Resposta facil: *las buenas formas*, leit amigo.

De modo que no fim da temporada os theatros não tiveram razão de queixa: enchentes no D. Amelia, enchentes no Gymnasio, enchentes no Principe Real, enchentes no Colyseu, todas com muito enthusiasmo dos espectadores, principalmente no primeiro e no ultimo d'estes theatros, de onde alguns cavalheiros teem retirado da plateia com os ossos n'um feixe; não porque se levantassem discusssões artisticas, mas porque se levantaram bengalas em defeza de ideaes politicos e impoliticos. Como os luctadores, estão na ordem do dia...

Mas nenhum triumpho theatral conseguiu desthronar os animatographos. Até que se encontrou uma fórma de arte que consegue interessar os alfacinhas! Uma casa quasi sem luz, um lençol onde tremem figuras pardas, meio tostão de entrada — e está o alfacinha como quer. A's vezes ha pateada ás photographias animadas, mas estas mostram-se indifferentes e insensiveis, continuando a tremelicar e a chamar espectadores que junto dos bilheteiros se acotovellam ás centenas, na ancia de entrar n'um recinto que tem o seu tanto de mysterioso.

Sim; decididamente as emprezas começam a conhecer o publico. O que elle queria era theatros ás escuras, com actores impalpaveis e espectadoras... palpaveis.

Artes e officios

A pyrogravura em estofos

Trabalho artistico para damas

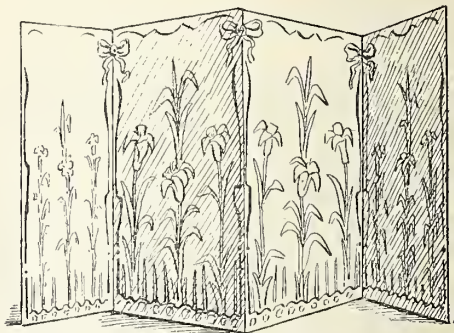
Entre as artes proprias para amadores poucas haverá hoje tão generalisadas no estrangeiro como a pyrogravura, e a razão é ser uma das que mais se prestam á decoração.

Ha apenas uns quinze ou vinte annos que se emprega como arte industrial e já hoje se apresenta n'um desenvolvimento tal, que, nas ultimas exposições artisticas teem figurado trabalhos não só em madeira, metal, coiro e cartão, como em panno, feltro, velludo e peluche, que tem sido alvo de admiração de todos os que se interessam por coisas d'arte.

A facilidade dos processos, o partido que se póde tirar dos motivos ornamentaes pela execução d'um desenho correcto, são principalmente os factores que mais tem concorrido para que grande numero de amadores se estejam dedicando á pyrogravura.

Dos trabalhos simples e ingenuos dos povos incultos, dignos apenas das sciencias ethnographicas, e cuja belleza está apenas na sua ingenuidade e pouco mais, facil é de deprehender que a pyrogravura, cons-

titue um processo facil de executar, e que cuidado com intelligencia e gosto artistico alcança um digno logar entre as artes decorativas.

Dos utensilios primitivos empregados pelos selvagens, simples pontas de ferro em braza, passou-se ao emprego de delicados instrumentos de aço e de platina, taes como o thermocauterio Paquelin, até certa época applicado apenas na cirurgia.

Biombo em velludo azul escuro.

Uma outra circumstancia, e que muito importa ao amador, é a barateza por que sahem os apparelhos, pois que a sua duração é extraordinariamente longa, sempre que d'elles se saiba fazer bom uso.

Além d'isso, ha meios economicos como o que mais adeante descrevemos e que estão ao alcance de toda a gente

São já bastante conhecidos os resultados obtidos

pela industria com a pyrogravura, especialmente na França, na Allemanha e na America, para que se torne necessario que a encareçamos mais. O seu valor é indiscutivel.

Passaremos, pois, a entrar no campo pratico, patenteando ao amavel leitor que ainda não conheça este genero de trabalho, os meios de o executar. Limitar-nos-hemos por hoje á pyrogravura em estofos, deixando para outra occasião os demais processos.

O effeito que a decoração pyrogravada produz nos estofos, quer de velludo, peluche, panno ou feltro, é muito original, e póde ainda tornar-se mais bello sombreando com pó de bronze, de cobre ou de ouro, conforme seja mais adequado, os varios contornos do desenho, ou ainda guarnecendo-os com fio de ouro.

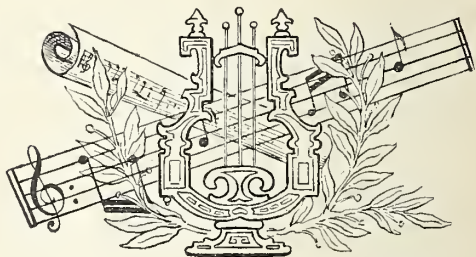
Todos os artigos fabricados com estofos ou com elles forrados se prestam a ser pyrogravados, qualquer que seja a sua côr.

Os objectos de fantasia forrados de velludo, de peluche, de seda ou de tapessarias, como caixas para luvas, guarda-joias, estojos para escovas e tantas outras bocêtas graciosas que tem o seu melhor logar nos *boudoirs* das damas, podem ser decorados tão artisticamente por este processo, que, á vista nos dão a impressão de objectos de subido preço.

Tambem se podem fazer lindos pannos para pianos para caixas de rebeca, etc.

Na execução do trabalho, que, comquanto facil deve ser cuidadosa e depende muito da habilidade das mãos que a praticam, emprega-se o pyrographo

ordinario, que consiste n'uma ponta de platina adaptada a um cabo de madeira que se aquece até ao rubro vermelho n'uma lampada d'alcool. Pódem ser empregadas pontas de diversas grossuras, conforme o traço do desenho que se pretende executar, seja mais fino ou mais largo, para fazer pontas, etc.

Na falta, porém, d'este instrumento, póde-se facilmente montar um apparelho pyrographico. Man-

Panno em feltro beige para cobertura de piano

da-se fazer a um serralheiro duas agulhas de latão de cerca de quinze centimetros de comprimento por tres millimetros d'espessura.

As pontas d'uma devem ser conicas e agudas como as d'um lapis bem aparado; as da outra devem ser afiladas tambem, mas achatadas como uma chave de parafuzos. Enfiam-se as agulhas em varias rolhas de cortiça, por fórma a que fiquem de fóra as pontas. As rolhas servem de cabo para o manejo e evitam que se queime os dedos. Aquecem-se as agulhas

á chamma d'uma lampada d'alcool e servem-se alternadamente das pontas.

E' preciso prestar bastante attenção aos modelos dos desenhos que se tenham escolhido e evitar detalhes demasiadamente minuciosos. Convém escolher ornatos pouco complicados, como plantas e flôres, estylisadas, cercaduras gregas, etc., para estofos pelludos e espessos.

Encontra-se á venda grande numero de debuxos proprios para este genero de trabalhos, mas na sua falta pódem servir os debuxos de bordados.

Tambem é de lindo effeito encher de perolas ou a traços cruzados, alguns espaços propositadamente deixados para esse fim, por entre os contornos.

Depois de feito o desenho, deve-se começar por traçar as hastes e os contornos, servindo-se da ponta aguda; depois fazem-se as folhas e os espaços mais largos com auxilio da ponta achatada. Ao gravar, não se deve queimar senão até metade da espessura do panno ou do feltro, e até ao nivel do tecido, tendo todo o cuidado de não o carbonisar, do que resultaria ficar com buracos e, portanto, inutilisado. De quando em quando deve-se escovar com uma escova bem fina o estofo, para se tirar os pelos queimados, e, depois de concluir póde-se ainda tornal-o mais bello fazendo-lhe alguns bordados a ouro ou prata, ou ainda mesmo a froco e filoselle, conforme o gosto do artista e o que fôr mais adequado.

Já vêem as nossas gentis leitoras que este genero de gravuras é tão simples como facil d'executar e merece bem ser utilisado.

HISTORIA E GEOGRAPHIA

A ilha de Ceylão

Succinta noticia geographica, historica e administrativa

A ilha de Ceylão, conhecida dos antigos por diversos nomes, entre os quaes o de Taprobana, é hoje uma das mais florescentes colonias do imperio britannico. Situada um pouco a leste da ponta sul da peninsula indiana da qual é separada pelo estreito de Palk, occupa uma superficie que muito approximadamente se póde calcular egual a tres quartas partes do territorio continental do nosso paiz, e conta uma população de cerca de 4 milhões de habitantes, de raças diversas, entre as quaes predominam as dos singhalezes, dos tamuls e dos mouros, entrando os europeus na proporção de 2 por 1:000 indigenas.

A ilha de Ceylão é bastante montanhosa; os pontos mais elevados, o monte Pedro e o pico de Adão, attingem alturas de 2:500 e 2:200 metros. O clima é bom; nas plantações, que demoram, em geral, em altitudes que variam de 700 a 1:700 metros, é mesmo delicioso. O aspecto da paysagem é surprehendente, d'um encanto inconcebivel e d'uma grandeza que não

tem rival. A vegetação tropical apresenta-se ali em toda a sua pujança, de matizes variadissimos, desde a planicie aos pontos mais altos das serras.

Os portuguezes foram os primeiros colonisadores d'esta perola do Oceano Indico. Estabeleceram-se no litoral em 1518 e ali se conservaram até 1656, anno em que a formosissima ilha cahiu em poder dos hollandezes, até que em 1796 foram estes por sua vez expulsos pelos inglezes. Desde então, a antiga Taprobana tem estado sempre sob o dominio britannico, salvo o interior da ilha que só em 1815 foi completamente submettido a este dominio, pela deposição do rei de Kandy.

O systema administrativo por que se rege a ilha de Ceylão é o que os inglezes designam por «Colonia da Corôa», com um governador nomeado por seis annos, assistido por um conselho executivo de 5 membros e um conselho legislativo de 17, dos quaes elle é o presidente. No conselho legislativo entram, de direito, os membros do executivo, e 4 altos funccionarios da administração civil, sendo os oito membros restantes nomeados pelo governador, por cinco annos, ao fim dos quaes podem ser reconduzidos. Cada um d'estes oito membros do legislativo tem a seu cargo, respectivamente, os interesses dos europeus, dos *burghers*, dos singhalezes da costa, dos singhalezes de Kandy, dos tamuls, dos mouros, dos commerciantes e dos plantadores. O governador tem o direito de *veto*, mas, em todo o caso, as leis emanadas do conselho legislativo precisam da confirmação da Corôa.

A ilha é dividida em nove provincias subdivididas

em 20 districtos. Nove d'estes são administrados directamente pelos Agentes do governo que administram as provincias e os 11 restantes por *Assistentes* dos Agentes do Governo. Além d'isso, as cidades principaes tem a sua administração local confiada a conselhos municipaes electivos.

Como em todas as colonias britannicas, os costumes indigenas são absolutamente respeitados.

As cidades principaes da ilha de Ceylão são Colombo que tem 165:000 habitantes, Jaffna 40:000, Kandy 30:000 e Galles 45:000

Finanças, commercio, industrias e agricultura

Ceylão atravessa agora uma epocha de invejavel prosperidade. A colonia tem um saldo orçamental importante.

Não recebe um ceitil da Metropole e paga tres quartas partes da despeza que o governo britannico faz com a manutenção das tropas europeias affectas á despeza do territorio.

O credito publico de Ceylão vale bem o de qualquer outra colonia britannica, e na bolsa de Londres são muito bem cotados os titulos da sua divida publica a qual não excede as receitas de quatro annos.

A principal fonte de receita é constituida pelo imposto de importação de 6 $1/2$ por cento, *ad valorem*, que pagam todas as mercadorias, qualquer que seja a sua natureza ou proveniencia. Alguns impostos de exportação, com fins especiaes, incidem sobre o chá, o café, o côco, o elephante, a plombagina etc. As

despezas fiscaes não excedem 1,5 por cento da totalidade dos impostos. Ha poucos annos foi lançado um novo imposto sobre o chá, a pedido dos plantadores d'este magnifico producto, para ser applicado ao desenvolvimento dos mercados d'aquella florescentissima industria.

Jovens «cooly» da raça Tannil

A colonia tem outras fontes de receita importantes na venda de terrenos da Corôa, no monopolio do sal, na administração dos caminhos de ferro, na industria da pesca de ostras perliferas cujas duas terças partes pertencem de direito ao governo e são vendidas quotidianamente em leilão, etc.

A industria do chá é a mais florescente da ilha. Substituiu com vantagem a do café cujas plantações foram completamente destruidas de 1869 a 1880 por um cogumello, conhecido em botanica por «Hemeleia Vestatrix.» A ilha passou então por uma crise medonha e, se não fora a tenacidade dos plantadores

Indigenas de Ceylão

cuja situação era angustiosissima, aggravada pela quebra do Banco Oriental, o principal estabelecimento de credito da ilha, esta ficaria talvez para sempre mergulhada na mais horrorosa miseria. Os plantadores, porém, auxiliados por um governador intelligente, energico e sensato, deram provas d'uma energia indomavel e salvaram-se a si e a vida economica da ilha. De tentativa em tentativa, em busca d'uma cultura que substituisse, a do café, experimentaram successivamente plantações de varias especies

de arvores de caoutchouc, de resina, de gomma, de pimenta, canella, etc., mas porque umas d'estas não produziam na ilha o bastante ou porque os productos d'outras não tinham facilidades de arranjar mercados, todos cederam o passo á plantação do chá.

Não passemos, porém, sem referencia, a cultura da quinquina que teve existencia ephemera, mas que n'um intervallo de 8 annos chegou a produzir mais de metade da producção total do globo. O quinino chegou por isso a tão baixo preço que a cultura teve de ser abandonada, não sem que d'essa ephemera existencia ficassem dois beneficios: um, restricto, foi habilitar os plantadores com os capitaes necessarios para experimentarem e desenvolverem a cultura do chá; outro, mais geral, foi baratear o preço do quinino até ao ponto de o tornar um remedio de uso corrente.

Outra cultura experimentada n'esse periodo angustioso e que deu relativamente bom resultado, tanto que ainda figura pela sexta parte na exportação total da ilha, foi a do coqueiro e, certamente, se teria desenvolvido muito mais, se todos os terrenos fossem proprios para essa cultura.

Hoje é o chá o principal producto da ilha de Ceylão a qual supplantou a China n'este ramo de commercio.

A totalidade das exportações da fertilissima ilha attinge quasi a cifra de 8 milhões de libras esterlinas e o chá figura por metade d'esta enorme quantia, seguindo-se em importancia os productos do coqueiro que, como acima dissemos, figura pela sexta parte da exportação total.

Os principaes artigos de importação são alimentos dos quaes tres quartas partes é arroz, prata amoedada, carvão Cardiff, tecidos de Manchester, etc.

A folha do chá

A balança commercial encontra-se quasi em equilibrio.

Trabalhos publicos –Irrigação e o porto de Colombo

São verdadeiramente colossaes os trabalhos publicos emprehendidos pelo governo da colonia, especialmente os trabalhos de irrigação e os do porto artificial de Colombo.

Nos ultimos annos, sobretudo, tem caminhado tão rapidamente os trabalhos dos grandes depositos de agua que transformaram grandes desertos em terras de cultura, principalmente de arroz, que é o principal genero de importação na ilha.

Pouco antes do anno de 1890 ficou terminado o Kalawewa, enorme reservatorio artificial que contem agua sufficiente para encher canaes de 100 milhas de comprimento, regando 66000 acres de terreno; e está em via de conclusao o Tanque Gigante a noroeste da ilha. Estão projectados outros trabalhos de irrigação que, uma vez concluidos, restituirão as condições de vida a uma região de 200 milhas de comprimento, desde a região montanhosa do centro á costa nordeste.

O porto artificial de Colombo é uma das mais arrojadas obras de engenharia hydraulica. Graças a elle Colombo d'uma pequena cidadesita sem importancia passou a ser a principal cidade da ilha Offerece um magnifico ancoradouro e é concorridissimo dos navios que fazem as carreiras entre o Extremo Oriente e a Europa.

Arte culinaria

O commendador Roberto era casado e tinha tres filhos. Glutão insaciavel aproveitava todas as festas do anno, todos os dias de anniversario de pessoas de familia para os festejar com esplendidos jantares. E não contente com isso, dizia frequentémente:

— Que pena não fazermos annos mais vezes. .

— Então, papá, respondiam-lhe as filhas, não está ainda satisfeito? Nós quasi não fazemos outra coisa senão dar grandes jantares.

— Quando se casam vocês, raparigas? retorquia o glutão Isso é que hão de ser umas bodas de arromba! Tratem d'isso depressa, meninas, tratem d'isso depressa.

Justamente a Clotilde estava para casar com um joven engenheiro. O noivo foi até convidado para o banquete com que o commendador festejava n'esse dia o seu 64.º anno e, por esse facto, as meninas empregaram mais esforços que de costume para que a festa fosse magnifica; a sala de jantar foi explendidamente ornamentada e centractaram quatro creados para servir á mesa.

Quando o commendador, que não fazia cer'monia com os seus convidados, entrou, de chinellos de pel-

lica e casaco de linho, na sala de jantar, e deu de cara com os creados encasacados, franziu o sobr'-olho, mas, sentando-se á mesa, espalhou-se-lhe logo no semblante uma expressão de completa satisfação ao ler o *menú*.

O commendador Roberto gabava amiudadas vezes a excellencia da cozinha portugueza e declarara solemnemente que detestava a franceza.

— Os molhos e mais temperos só fazem dispepsias, costumava dizer.

Na verdade, o que elle não supportava, porque os não percebia, eram os nomes arrevesados que em francez costumam dar-se ás iguarias. Ora o *menú* que tinha na mão, estava todo escripto em portuguez:

Sôpa de missanga com polme de grão de bico; ostras com cogumellos em conchas; rim salteado; lagosta á cardeal; gallinhola assada; salada de beldroegas; gelados, crème, farofias, pudins de cenouras e casca de laranja. Vinhos: Madeira, Bucellas, Salvaterra, Collares branco, collares tinto, espumosos do Douro e da Bairrada; café, licores.

— Bello, disse com satisfação, ao menos assim sabe se o que se come.

O jantar começou; a conversação era frouxa, a principio, como succede em todos os jantares, mas pouco a pouco foi-se animando. O commendador comia por sete e fallava pouco, mas, a certo ponto, subiu-lhe aos labios a phrase habitual:

— Que pena não fazermos annos mais vezes! e, suspirando, voltou-se para sua filha Clotilde e perguntou:

Discurso obrigado a gallinhola!

— Então já combinaste com o teu noivo como e onde ha-de ser a boda?

— Já, papá, respondeu a interpellada, a boda ha-de ser aqui em casa e limitar-se-ha a um *copo de agua.*

— Um... um... *copo de agua?!* gaguejou affogueado o commendador. Que diabo queres tu que eu faça d'um copo d'agua?! Ha-de ser um banquete de arromba, que o quero eu, ouviste?

— Mas, caro commendador, interveio o engenheiro, não se póde dar o banquete porque temos de seguir, como sabe, no comboio, pouco depois da cerimonia da egreja.

— Casem-se mais cedo, retorquiu de mau modo o commendador.

D'ahi até ao fim do jantar, que terminou pelas 10 horas e meia da noite, uma nuvem de tristeza cobriu o semblante de Roberto da Silva. Os visinhos ouviam-o murmurar de vez em quando:

— Um copo de agua! Ora não ha! Um copo de agua! E eu que estava a aguçar os dentes para um esplendido banquete!

Logo que os convidados se retiraram, o commendador foi para o seu quarto, sem mesmo dar as boas noites a suas filhas, como costumava, regougando sempre: Um copo de agua! Ora não querem ver?! Um copo d'agua!

D'ahi a pouco a casa estava mergulhada em profundo silencio, mas, ahi por volta das 3 horas da madrugada, na campainha electrica soaram repetidos toques. Toda a familia se levantou assustada, e ven-

do que o chamamento vinha do quarto do commendador, as tres meninas correram para lá, encontrando sua mãe muito atrapalhada sem saber o que havia de fazer ao marido que se queixava de se sentir muito afflicto: pulso muito agitado, a cabeça pesada e successivas flatulencias do estomago.

— O jantar fez-me mal, dizia elle, naturalmente foi a sopa de missanga.

— Como póde ser isso, papá? observou uma das filhas. O grão foi bem cosido em agua e sal e bem passado pelo passador... O azeite e a pimenta com que se temperou o polme, eram de primeira qualidade e o polme ferveu até apurar bem... A massa em missanga, que se lhe juntou, estava muito bem feita e apenas se lhe deitaram mais umas tiras de de cenoura... A fervura que se deu depois foi boa... Nada, não póde ser da sopa, papá. Mas é melhor tomar uma chavena de chá. Isso é uma ligeira indisposição do estomago que passa depressa. Um escalda pés não seria mau, tambem.

Sahiram a Laura e a Marianna para arranjarem o chá e a agua para o escalda pés, ficando junto do pae a Clotilde.

— Se não foi a sopa, foi com certeza a lagosta, tornou o commendador com voz fraca.

— Sim, papá, a lagosta é muito indigesta, segundo tenho ouvido dizer, respondeu a Clotilde. Mas olhe que a lagosta á cardeal é uma das melhores maneiras de a preparar para se comer sem fazer mal. Quer saber como se faz? A lagosta é cosida em vinho branco fervente e em seguida cortada longitudinal-

mente. Tira-se depois a carne das metades da casca e corta-se ás tirinhas. Prepara-se o molho Béchamel...

— Ora ahi está porque me fez mal, gemeu o commendador. Vocês sabem que eu não supporto a cosinha franceza e razão tenho para isso. Foi esse maldito môlho francez que me revoltou o estomago.

— Não, papá, não tem razão. E' um molho feito de manteiga, farinha de trigo, leite e um pouco de cebola, pimenta, sal e louro. E' inoffensivo. N'este molho deita-se, para fazer a lagosta á cardeal, um bocado de manteiga de lagostins ou camarões, barra-se com a massa que d'ahi resulta, o fundo das metades da casca da lagosta, põem-se por cima as tirinhas de carne, cobrem-se com a mesma massa, polvilha-se o todo com queijo ralado e mettem-se as duas cascas assim cheias no forno, a aloirar. Já vê, papá, que isto não podia ter-lhe feito mal.

— Mas se não foi a lagosta... o que seria ?! tornou ainda o doente. Seriam as ostras com cogumellos ? Eu comi tanto d'esse prato . que é possivel que me tivesse feito mal ao estomago. Ah! estavam deliciosas, continuou o commendador com um accento de gulodice que não pôde dominar, apezar do incommodo que soffria.

— Tambem não me parece que fossem as ostras, papá, retorquiu Clotilde. As ostras foram refogadas em manteiga, salsa, cebolinhas e cogumelos, tudo muito bem picado, sal, pimenta e raspas de noz moscada e deitam-se-lhe depois rodelas de ovos cosidos, fervendo tudo. Em seguida deitou-se a massa nas

conchas de porcellana, polvilhou se com pão ralado, pôz-se-lhe um bocado de manteiga e metteu-se no forno a aloirar. Com certeza não foi isto que lhe fez mal, papá. O que decerto lhe causou essa indisposição foi ter o papá comido muito, como sempre faz n'estes jantares, e depois acha-se incommodado, como já lhe tem succedido mais vezes.

— Ah, d'esta vez é peior que das outras. Sinto umas dôres horriveis no estomago e tenho para muitos dias, gemeu o infeliz glutão.

N'isto chegou o chá e a agua para o escalda pés, mas o commendador recusou-se a metter os pés na agua quasi a ferver. A instancias das filhas tomou a chavena de chá.

— Por estas e outras, disse então a Clotilde, é que eu e o meu noivo combinamos dar apenas um *copo de agua*. Ora, imagine o papá que lhe dava alguma coisa no meio do banquete no dia do meu casamento; era um mau agoiro; no *copo de agua* servem-se só coisas leves e frias e temos a certeza de que nada lhe poderá succeder de mau.

— Parece-me que, afinal, foi a perspectiva d'esse *copo de agua* que me fez mal, murmurou o commendador, com accento triste.

O COSMOS, na sua orientação de não poupar esforços para bem servir o publico e preencher a falta d'uma bibliotheca popular cujos effeitos se faziam sentir no nosso meio d'uma fórma deploravel, encetará brevemente, no intuito de vulgarisar o maior numeros de conhecimentos uteis e de applicação pratica em varios ramos de actividade humana, a publicação de muitas outras secções, como o francez sem mestre, o inglez sem mestre, o italiano sem mestre, reproducção de quadros e desenhos ineditos dos melhores auctores, jogos de creanças, archeologia etc.

ENCYCLOPEDIA

A, primeira letra e primeira vogal do alphabeto portuguez, primeira letra e primeira vogal dos alphabetos de todas as linguas dos povos da Europa moderna e dos paizes por elles colonisados. No alphabeto phenicio tinha um caracter de aspiração que os hebreus e arabes lhe conservaram, mas que os gregos transformaram em valor vocalico que depois sempre conservou até hoje. Ao nosso *A* que nos veiu dos romanos, corresponde no grego o *alpha* e no hebreu o *aleph*. Não se sabe bem porque apparece em primeiro logar nos alphabetos antigos e modernos. Para estes póde talvez servir de explicação a este facto a razão historica.

E' o *artigo defectivo*, feminino de *o; preposição*, indicando varias relações; como *prefixo* designa intensidade, imitação, collocação, negação, prolongação, separação, transformação, agglomeração, perseguição, uniformidade, approximação, juncção.

A, de Carlos Magno; famoso relicario pertencente á egreja de Conques (Aveyron) dado por Carlos Magno. E' uma riquissima obra de ourivesaria, cravejada de pedras preciosas, com a fórma d'um A sem o travessão horisontal, sustentando no vertice superior um relicario. E' um dos raros monumentos que res-

tam da arte carlovingia. A base foi concertada na edade media. Segundo um chronista, Carlos Magno deu relicarios a 24 egrejas, cada um com a fórma de uma letra do alphabeto.

Aa, nome d'um grande numero de cursos de agua dos paizes celticos e germanicos. E' o antigo allemão *aha*, o gothico *ahva*, o anglo saxonio *ea* e o bretão *ach*, que correspondem ao latim *acqua*, e com que esses differentes povos designavam os cursos de agua.

Aa, rio de França que tem um percurso de 82 kilometros dos quaes 29 navegaveis, desde Saint Omer. Nasce em Bourthes-les-Hameanx e desagua no mar do Norte perto de Gravelinas. Varios canaes ligam-o ao Lys, ao Escalda e aos portos de Calais e Dunkerque.

Aa ou **Grande Aa,** rio da Belgica com um percurso de 28 kilometros; nasce perto de Raevels e desagua no Petit Nethe perto de Herenthals.

Aa, rio da Belgica que, nascendo quasi no mesmo ponto do anterior, corre em sentido opposto penetrando no Brabante hollandez e desaguando no Dommel, perto de Bois-le-Duc, com as suas aguas já misturadas com as do Beerze; até á sua confluencia com este tem um percurso de 40 kilometros.

Aa, rio da Suissa com um percurso de 24 kilometros, desde a nascente no lago Baldegg, cantão de Lucerna, até ao Aar do qual é affluente.

Aa, rio da Suissa, no cantão de Unterwalden; nasce no monte Surenen, formando muitas cascatas e desagua no lago dos Quatro Cantões, perto de Buochs, percorrendo 35 kilometros; —*Aa*, outro rio do mesmo

nome, no mesmo cantão e que egualmente desagua no lago dos Quatro Cantões, cerca de Alpnach, após um percurso de 22 kilometros desde a nascente no lago Lungeru.

Aa, rio da Russia, na Curlandia, com um percurso de 245 kilometros, que nasce no governo de Kovno e se torna navegavel em Mitau. Perto do golpho de Riga. em Schlock, o *Aa* curva bruscamente para E e corre parallelamente ao mar até ao seu encontro com a Dvina occidental, abaixo de Riga.

Um outro rio da Russia (na Livonia) tem este nome; nasce no planalto chamado de *Aa* e descreve muitas sinuosidades até se lançar, em Zarnikau, no golpho de Riga, a 144 kilometros a NE da Dvina occidental. Tem um percurso de 395 kilometros e as suas margens são muito pittorescas.

Aa, (Pedro Van der); livreiro editor hollandez que viveu na segunda metade do seculo XVII e primeira do XVIII, e que prestou grandes serviços á sciencia, particularmente á geographia, pelas importantes obras que publicou na sua livraria de Leyde, assim como obras de botanica e as Obras de Erasmo.

Aabam, nome porque os alchimistas designavam o chumbo.

Aach, nome de varios ribeiros, affluentes directos ou indirectos do lago Constança, e d'um affluente da margem direita do Iller, na Baviera, que banha Memuringen.

Aachen, nome allemão de Aix-la-Chapelle.

Aachéniano, termo designativo d'um plano geologico, creado por Dumont; plano geologico na base

da série infracretacea; comprehende um conjuncto de areias brancas ou ferruginosas e argillas, cobrindo directamente as camadas carboniferas.

Aadorf, povoação suissa no cantão de Thurgovia; tem 2:600 habitantes e uma industria importante de bordados.

Aafjord, villa noruegueza de 4:000 habitantes com uma industria de pescarias e um commercio de cabotagem importantes. E' situada na provincia de Söndra-Trondjhem no fundo do golpho do mesmo nome.

Aagesen, (Svend); nome do primeiro historiador dinamarquez que viveu no fim do seculo XII e principio do seculo XIII. Deixou uma historia da Dinamarca desde o anno 300 ao de 1187 com o titulo de *Compendiosa historia regum Daniae, a Skioldo ad Canutum VI.*

Aah-Hotep, rainha do Egypto que foi considerada mulher de Aménophis 1.º, até que Marietta descobriu em 1859 o seu tumulo no qual se encontraram maravilhosos *bijoux,* mas com o nome de Kamés, rei obscuro da XVII dynastia do qual ella foi talvez viuva, e com o de Almés que se julga ser seu filho. Os *bijoux* encontrados, alguns dos quaes riquissimos, anteriores á epocha de Moysés, são notaveis especimens de ourivesaria egypcia e uma das glorias do celebre museu de Boulaq.

Aal, *substantivo masculino;* arvore da familia das therebinthaceas, originaria da ilha de Amboina, que em botanica se conhece por *Aalis latifolia;* tem uma casca aromatica que na India misturam ao vinho de palmeira para o tornar mais agradavel. Os indios dão

tambem o nome de *Aal* á raiz do *Munda Citrifolia* da qual se extrahe uma materia córante vermelha amarellada.

Aal, *(Jacob)*; notavel escriptor norueguez, nascido em 1773 e morto em 1844. Depois de ter estudado em Copenhague theologia e sciencias naturaes, foi para a Allemanha em 1797, onde completou os seus estudos scientificos nas Universidades de Leipzig, Kiel e

Aali-pacha

Göttingen. Em 1799 regressou á Noruega onde, tomando parte activa nos acontecimentos politicos, pertenceu á commissão que em 1814 redigiu a constituição actual d'aquelle paiz. Escreveu muitos e importantes artigos politicos, historicos e economicos, que depois publicou reunidos em tres volumes a que deu o titulo de — *O passado e o presente*. Publicou tambem o livro *Reminiscencias* que passa por ser

uma das melhores obras historicas que na Noruega appareceram no seculo XIX.

Aalabeks, pequena povoação da costa da ilha dinamarqueza de Moen, no mar Baltico.

Aalbek, povoação dinamarqueza na extremidade septentrional da peninsula de Jutlandia, provincia de Hioring.

Aalborg, (antigamente Albiæ; do vocabulo celta *albor*, rodeado de rochas); nome da provincia mais septentrional da peninsula da Jutlandia, na Dinamarca, com uma superficie territorial de 7:230 kilometros quadrados e uma população de 104:790 habitantes. A provincia constitue uma diocese episcopal. A provincia de Aalborg foi tomada de assalto pelos dinamarquezes em 1534, saqueada em 1627 por Wallenstein e occupada pelos suecos em 1643 e depois novamente em 1658 a 1660. N'esta epocha, em virtude do tratado de paz de Roeskilde, foi restituida aos dinamarquezes.

Aalborg, cidade, capital da provincia dinamarqueza do mesmo nome, na Jutlandia, com 19:500 habitantes. E' ao mesmo tempo séde da diocese episcopal constituida pela provincia. Possue um pòrto importante sobre o grande Canal do Norte e uma escola de navegação. A industria das pescarias tem ali grande importancia, assim como o commercio de cereaes.

Aalbuch, nome de uma parte da cordilheira do Jura da Suabia no Wurtemberg, devido aos numerosos bosques de faias de que é coberta. Tem uma altura media de 670 metros e os nomes dos seus picos mais elevados, *Hohenreckberg* com 747 metros, e

Hohenstauffen com 715 metros, acham-se ligados, respectivamente, a uma importante familia de principes ainda existente e á dynastia mais illustre que na edade média reinou na Allemanha.

Aalclim ou **Aalklim**, nome de uma especie de baunilha que se encontra na India, da familia das plantas leguminosas· As suas folhas são empregadas como um remedio muito efficaz contra as inflammações dos olhos.

Aaalcuabe, nome que dão os dinamarquezés a uma lampreia muito commum nos rios das Indias Orientaes.

Aaalem, nome de um districto da Persia, de terreno alto e fertil, situado no *Irac* a NE do *Hamadan*, limitado a E e W pelos montes *Elvend* e do N pelos Caragan. Produz magnificas fructas, algodão e trigo.

Aaalen, districto do Wurtemberg, com uma população de 21:000 habitantes e muito abundante em minas de ferro.

Aaalen, (a *Aquileia* dos Romanos); cidade do Wurtemberg, capital do districto do mesmo nome, situada sobre a *Kocher* e o caminho de ferro de Stuttgard a Nordlingen e com uma população de 7:200 habitantes. E' uma cidade industrial. Possue varias fabricas de cortumes e é um centro mineiro importantissimo, com grandes fundições. Em virtude da sua importancia industrial, conservou desde 1360 a 1802 os fóros e privilegios de *cidade imperial livre*.

Aalen, importante povoação da Westphalia, perto de Munster, com 3:000 habitantes e fabricas de fiação de linho.

Aalenense, *adjectivo;* (derivado de Aalen, cidade do Wurtemberg); termo geologico designativo da base de um dos planos em que se considera dividido o terreno jurassico e que se encontra em grande extensão nos arredores de Aalen. Foi o geologo Mayer Eymar que propoz a adopção d'este termo. No plano aalenense abunda especialmente o *Ammonites Murchisonæ.*

Aalesund, povoação situada n'um dos numerosos ilheus existentes na costa sudoeste da Noruega, notavel por ter sido patria do famoso caudilho normando *Hrolf* que, d'ali expulso, conquistou a antiga provincia franceza da Normandia, ficando depois conhecido pelo nome de Rollon. Tem 4:000 habitantes e um porto muito concorrido dos barcos que se empregam n'aquella costa na pesca do bacalhau que constitue o mais importante ramo de commercio da povoação.

Aalholz, pequena cidade da Baviera.

Aalklim, vid. **Aalclim.**

Aali Pacha, *(Méhémet Emın);* notabilissimo homem de estado, turco, do meiado do seculo XIX. Nasceu em Constantinopla em 1815 e morreu na mesma cidade em 1871. Foi ministro dos negocios estrangeiros em 1846 e, pouco depois, em 1848, foi nomeado presidente do conselho de ministros. N'esse tempo existia um grave conflicto entre a Grecia e a Turquia, promovendo Aali-Pachá uma solução pacifica sem quebra da dignidade do seu paiz. Nomeado Grão Vizir em 1852 e presidente do conselho do *tanzimat* em 1854 preparou as reformas reclamadas pelos liberaes turcos, de que elle se manifestou sempre partidario sincero. Em 1855 repre-

Condições de assignatura

Em Lisboa, provincia, ilhas adjacentes e colonias

Um mez	— 3 volumes	— 480 paginas	180 réis
Tres mezes	— 9 »	— 1440 »	540 »
Seis mezes	— 18 »	— 2880 »	1$080 »
Um anno	— 36 »	— 5760 »	2$160 »

Venda avulso 60 réis

Toda a correspondencia deverá ser dirigida a V. Guimarães, para a séde da administração na

Rua do Corpo Santo, 50, 2.º